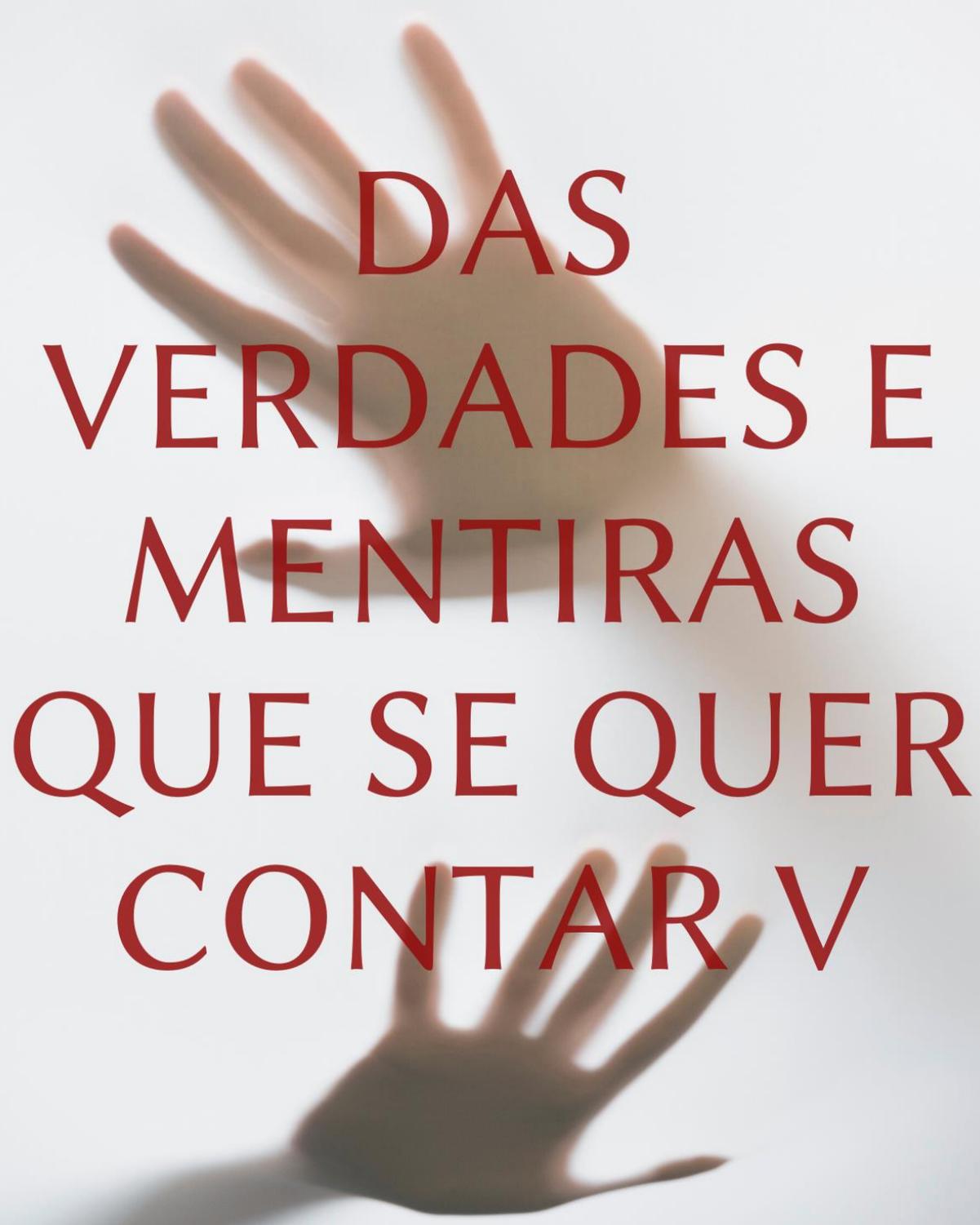


COLÉGIO MARIA IMACULADA



DAS
VERDADES E
MENTIRAS
QUE SE QUER
CONTAR V

ALUNOS 22A

**DAS VERDADES E MENTIRAS QUE SE QUER
CONTAR V**

ORGANIZAÇÃO:

KATIA CRISTINA SCHUMANN ZILIO

EDIÇÃO:

TIAGO CASSUL PEREIRA

Colégio Maria Imaculada

Direção:

Raquel Barbosa Rocha

Coordenação Pedagógico Educacional:

Karine Rosa

Nadia Tescke

Coordenação de Pastoral:

Elaine Cristina Bastos Medeiros

Coordenação de Esportes e Informática:

Raquel Barbosa Rocha

Secretaria:

Mariza Aparecida Bortolini

Tesouraria:

Mariza de Godoy Gomes

Recepção:

Bruna Bastos

Informática:

Tiago Cassul Pereira

D229 Das verdades e mentiras que se quer contar V /
organização: Katia Cristina Schumann Zilio ;
edição: Tiago Cassul Pereira ; alunos da turma
22A. - Curitibanos, SC : Colégio Maria
Imaculada, 2022.
56 p.

ISBN: 978-65-00-54797-9

1. Literatura. 2. Contos. I. Zilio, Katia
Cristina Schumann. II. Pereira, Tiago Cassul.

CDU: 82

Sumário

- 01. COLEÇÃO DE AMORES / 7**
- 02. O MILAGRE PASSAGEIRO / 8**
- 03. VOCÊ / 10**
- 04. HARKINS / 11**
- 05. ECLIPSE DE AMOR / 13**
- 06. CAMINHOS DE BARRO / 15**
- 07. EM BUSCA DA VERDADE / 17**
- 08. A PREVISÃO / 18**
- 09. A FLOR / 19**
- 10. A MENSAGEM MISTERIOSA / 21**
- 11. O CASO RENTFORD / 23**
- 12. A NOITE DE HORROR / 25**
- 13. O OUTRO LADO / 27**
- 14. COPOS DE BEBEDEIRA / 29**
- 15. FOI O ÚNICO JEITO / 32**
- 16. EM MEMÓRIA / 34**
- 17. MEMÓRIAS PTERNAS / 37**
- 18. MACACOS NA CHUVA? / 39**
- 19. PRISÃO DE CONSEQUÊNCIAS / 41**
- 20. DEPOIS DA ECLIPSE / 43**
- 21. REFLEXO / 45**
- 22. ASSASSINATO EM MENTE / 46**
- 23. O INGREDIENTE / 48**
- 24. NÃO AMOR / 51**
- 25. AMOR IMPERFEITO / 52**
- 26. A DECISÃO / 54**
- 27. E NÃO HAVIA NINGUÉM / 55**

TEXTOS ANTOLÓGICOS EM PROGRESSO

Alunos do Colégio Maria Imaculada, de Curitiba, estimulados por devotas professoras à literatura e à língua portuguesa, aceitaram o desafio de escrever histórias curtas, não obstante a falta de experiência direta na construção de textos ficcionais, em se tratando de primeiras incursões nesse campo de expressão literária.

Desafio aceito, os minicontos foram encartados nesta coletânea, intitulada *Das Verdades e Mentiras que se quer contar V*, relevando virtudes inerentes à ficção, contudo em progresso, não só porque os autores são jovens, mas devido ao início do exercício da vocação, rumo à futura perfeição da escrita, perseguida por aqueles que sabem ser fundamental o entendimento pleno da técnica necessária para sensibilizar os receptores de obras consagradas pela literariedade fundadora de emoções e encantamentos.

Bem agiram ao assumir tamanha responsabilidade, pois, sem dúvida, conforme afirmou David Lodge, “há outro aspecto da arte de ficção, conhecido pelos escritores, que muitas vezes diz respeito à intertextualidade: é a oportunidade perdida.” (Cf. *Arte da Ficção*). Quer-se dizer, apenas, que os alunos não poderiam perder a oportunidade de participar desta antologia, organizada sob os auspícios do carinho e do conhecimento da matéria.

Relevante destacar que se serviram de temática de amplo espectro. Assim penso, tendo em vista que os temas do gênero (mini)conto envolvem variada gama de subgêneros, tais como o *Fantástico/Estranho* (“Harkins”, “A mensagem misteriosa”, “Memórias paternas”, “Prisão de consequências”, “O ingrediente”), *Ficção Científica* (“O milagre passageiro”, “O outro lado”, “Em memória”), *Terror* (“Caminhos de barro”, “A noite de horror”), *Fábulas* (“Em busca da verdade”), *Aventuras* (“Macacos na chuva”, “A decisão”), *Relações Amorosas* (“Você”, “Eclipse de amor”, “A previsão”, “A flor”, “Copos de bebedeira”) e *Crimes* (“Coleção de amores”, “O caso Rentford”, “Foi o único jeito”, “Assassinato em mente”, “E não havia ninguém”), expressando generosos pontos de vista no tratamento desses universos temáticos distintos, mas às vezes entrelaçados na construção dos respectivos enredos no plano do imaginário.

E no âmbito do fluxo do imaginário entremostam-se, dependendo do tema eleito, estranhamentos, ambientação pendular ou estática dos personagens caracterizados, contatos epistolares, certa eloquência lírica, manipulação temporal, utilização discreta da figura do duplo, frases meândricas à margem da exploração do exótico, ironias embutidas com sutileza, sem desprezar a duração psicológica nos movimentos do foco narrativo, compondo as cenas em obediência, quiçá intuitiva, a determinadas regras da carpintaria textual.

E por falar em obediência de caráter intuitivo, merece ser lembrado o ensinamento de Raimundo Carrero: “A arte ficcional é também orientada pela intuição que, em outra instância, orienta e harmoniza a obra”. (Cf. *A Preparação do Escritor*).

Ela se apresenta nos textos coletados, dando a impressão de que, mesmo sem se aprofundarem no exame dos princípios da estrutura literária, a intuição conduziu os autores pelo caminho quase sempre certo da montagem do material bruto e depois lapidado.

Feitas essas observações, é o momento de estimular a leitura das composições, invocando esta glosa de Umberto Eco: “Todo texto é uma máquina preguiçosa, pedindo ao leitor que faça uma parte de seu trabalho.” (Cf. *Seis passeios pelo bosque da ficção*).

Se assim o é, cabe, a esta altura, papel importante do participante leitor, a fim de transformar em verdadeiro prazer tudo quanto foi escrito em prosa, em geral também pautada pelo som e pelo sentido da poesia entranhada nas entrelinhas.

Péricles Prade*

* Poeta, ficcionista e crítico de artes visuais.

Coleção de amores

Natalie Emanuelle Moreira

Eu era simples, mas ao mesmo tempo complexo, almejado por muitas, mas solteiro por crença. Realmente ele se dizia “o tal”, pena que a donzela dos cabelos cacheados o jogou nas nuvens e físgou seus sentimentos, somente com um olhar derradeiro nos vagões do metrô.

Avistei-a pela primeira vez no metrô de São Paulo, mais precisamente em Diadema. Eram 5 horas da manhã, eu estava indo para o meu “trabalho”, acostumado com o metrô vazio neste horário me surpreendi, pois ela era estonteante e, ao mesmo tempo, parecia-me intocável, seu nome era Catalina Flores, pelo menos era o que dizia seu crachá, pendurado na camisa do lado esquerdo do seu peito e coberto com alguns cachos singulares.

Este homem era diferente, com dotes peculiares e uma moral questionável que talvez impressione. Ele é alto, moreno, cabelo ralo, voz entoada, uma musculatura encorpada, pulseira de prata no pulso direito e um bigode prodígio.

De repente o vagão parou. Catalina levantou, olhares se cruzaram, ela repentinamente o cativou, o salto no chão tocou e logo a porta encostou. Ainda paralisado ele imagina inúmeras possibilidades com ela. Então ele a pega pelo braço, encosta seu peito no dela, sua mão sobe na nuca de Catalina e ali um beijo alucinógeno ocorreu.

Ambos seguiram seu caminho, passaram-se uma, duas, três, quatro semanas todos os dias ele se dirigia ao mesmo vagão às 5 horas da manhã na esperança de encontrá-la, a cacheada do beijo alucinante.

Desacreditado foi na quinta semana, chegou em Diadema às 3 horas da manhã, lá estava ela, lentamente ele se aproximou, reparou em cada detalhe: brincos de argola, cabelos soltos, vestido vermelho drapeado... Ali a conversa se desenrolou até às 5 horas.

Tudo aconteceu como da primeira vez, ele a pegou pelo braço e sua mão deslizou suavemente até a nuca de Catalina e, no mesmo instante, ele a matou simplesmente com um rasgo em seu pescoço.

É, realmente está solteiro, mas não por crença e sim, por profissão. Ele cortou uma mecha do cabelo de Catalina e a banhou no sangue que inundava o vagão e depois guardou na sua coleção. Coleção de amores de um serial killer.

O milagre passageiro

Fabiola Rodrigues Carpes

Lucas era um neurocirurgião americano muito famoso em seu país por suas cirurgias renomadas e por nunca ter deixado um paciente morrer no centro cirúrgico. Ele era casado com Ana, seu porto seguro e tinha dois filhos. Para ele, sua segunda casa era o hospital, seu local de trabalho. Passava a maior parte do dia trabalhando, dando palestras e até mesmo estudando.

Era quinta-feira, 22 de agosto, Lucas estava saindo do hospital para ir palestrar em uma faculdade de Medicina da região, até que, de repente, envolveu-se em um acidente de trânsito.

Seu carro colidiu com um caminhão, por consequência de um pneu furado. Lucas ficou desacordado por muito tempo e teve várias complicações. Foi levado para o melhor hospital de sua cidade: The Johns Hopkins Hospital, na cidade de Maryland nos Estados Unidos, onde trabalhava. No hospital, Lucas teve uma convulsão e entrou em coma. Vários médicos fizeram exames para descobrir o que estava acontecendo com ele, mas não conseguiram identificar nenhum problema. Lucas ficou em coma por duas semanas. Seu quadro só se agravava, estava entre a vida e a morte.

Durante essas 2 semanas, ele teve várias convulsões, suas fraturas causadas no acidente não melhoravam e, os médicos que estavam cuidando dele, infelizmente, tiveram que falar para sua esposa e filhos que não havia mais nada a ser feito.

Ana e seus filhos não se conformavam e, por isso, trocavam informações com outras pessoas da família e também com médicos de diferentes lugares do mundo, tentando entender o que houve com Lucas e como poderiam ajudar a tratá-lo.

Tudo transparecia impossível, não havia melhora nenhuma e, então, Ana resolveu pedir para desligarem os aparelhos que estavam deixando Lucas viver, pois ela não aguentava mais vê-lo naquela situação. Ela se lembrava de que Lucas sempre falava que se algo acontecesse, ele não gostaria de ficar preso a aparelhos que o mantivessem vivo. Todo aquele sofrimento de vê-lo respirando por uma máquina, cabos ligados à sua cabeça a torturava. Ela tinha certeza de que tudo isso passaria rápido e ele pararia de sofrer.

No momento que Ana e os meninos estavam se despedindo de Lucas, ele reagiu. Acordou e começou a se mexer. Todos levaram um susto e ficaram em choque. Como que ele estaria vivo? Seu cérebro não funcionava igual a antes, pois teve várias consequências das convulsões de que foi acometido e ele mal conseguia se movimentar.

Seus médicos começaram a remover os aparelhos e cabos que estavam ligados. Era como se nada tivesse acontecido para Lucas, que sofreu o acidente e ficou dormindo por um bom tempo. De uma hora para outra, Lucas estava conversando, dando risada e, o mais importante, com uma habilidade nova: a partir do momento que ele olhava para as pessoas,

conseguia descobrir se a pessoa estava doente, quando iria morrer e o que poderia fazer para evitar.

Por um bom tempo, Lucas voltou a trabalhar, sua vida voltou ao normal. Ele tinha um objetivo muito importante para descobrir: o que tinha acontecido com ele, como estava vivo e porque não morrerá. Todos os exames nunca mostraram nada, pois seu cérebro e todo seu corpo estavam ótimos. Durante sua investigação, Lucas conversava com todos os médicos que cuidaram dele, fazendo reuniões, pesquisas e todos estavam tentando entender o que tinha acontecido. Mas ele tinha convulsões e o que as ocasionava? Lucas nunca conseguiu descobrir o que aconteceu, porque era como se não tivesse acontecido nada, ele estava saudável e bem.

Quando voltou a trabalhar, Lucas, com sua habilidade nova, conseguia descobrir tudo, não era preciso fazer exames, só bastava olhar para as pessoas que sabia o que tinha de errado. Com o passar do tempo, começou a apresentar sintomas de várias doenças. Exames foram feitos e ele descobriu que estava com muitas doenças ao mesmo tempo. Quando curava uma, aparecia outra. Ele ainda estava tentando entender olhando prontuários quando percebeu que o que ele estava passando era todas as doenças que ele tinha diagnosticado em seus pacientes. Ele viu que tinha somente 2 semanas de vida e que deveria aproveitar o máximo possível.

Entendeu que Deus tinha lhe programado essa despedida, dado mais 2 semanas para fazer o que gostava que era ajudar as pessoas e ficar com sua família, porque depois desse período ele teria que partir. Ele iria descansar.

Você

Glenda Emannuelle

Quando você chegou, eu estava abalada. Meu coração se encontrava em pedaços, você simplesmente colou cada parte em seu devido lugar, sua maturidade e respeito deram início ao nosso relacionamento, que mesmo sem eu querer algo sério, por ter sido magoada diversas outras vezes, fiquei insegura diante do teu amor incondicional. Quando você apareceu em minha vida era a pessoa certa, mas na hora errada e sua insistência para ficar foi a razão de eu ser a mulher mais feliz e completa desse mundo, você conseguiu romper com as minhas barreiras internas, sentimentos e confusões.

Com você eu estava segura, ou pelo menos acreditava nisso. Sempre estava ao meu lado, mas nem todas as vezes você realmente me apoiava. Sempre estávamos juntos, mas parecia que depois de um tempo, tudo que a gente construiu aparentava não ter sua devida importância. Dormíamos na mesma cama, mas o toque de suas mãos deslizando sobre meu corpo e as minhas sobre o seu já não aconteciam mais como representação do prazer mútuo.

É difícil dizer com exatidão o que aconteceu para tudo ficar sem graça como estamos agora, talvez depois de dois anos você encontrou alguém que conseguisse satisfazer suas vontades, ela pode nunca se apresentar de forma cansada como eu, que sempre estou querendo deitar e dormir com o intuito de descansar para os próximos dias de trabalho exaustivo ou para sair e encontrar com você. Ela se arruma e nem todas as vezes possui a preguiça de se produzir e se sentir bela uma vez a cada muito tempo como o que eu sinto.

Como meu maior vício, não consigo mais ter você em meu cotidiano. O tão desejado nós é agora separado, eu e você podemos não ter mais o mesmo caminho e sentido de vida, nunca saberemos o que aconteceu pois você só voou. Como seu casulo protetor, abandonou-me para sempre. Quem realmente gosta de se libertar e ir para longe não volta mais para seu ponto de início, para quem realmente ama a pessoa perdida. Nós podíamos ter tido tudo, poderíamos ter sido tudo. Mas posso ter me deixado levar, talvez a minha indecisão não prendeu você somente a mãe, você se descobriu. De um simples lagarta, se transformou em uma borboleta e logo quis voar, me afundando em expectativas e calafrios. Quem diria, hoje vejo-te voar para os braços de outra mulher.

Harkins

Emilly Maria Alberton Silva

A sala estava um caos. Todos se empurravam na esperança de sair o mais rápido possível, não houve empatia por parte de ninguém. Estava tudo escuro e barulhento, o medo tomou conta daquele cinema, as poltronas eram arrastadas e era possível, mesmo na escuridão, ver silhuetas enormes partindo das telas e cortinas, agora se aproximando cada vez mais de todos. Lucas foi empurrado pelas escadas onde pôde ver vultos escuros passando debaixo das poltronas, levantou rapidamente, percebendo que aquilo era uma cena de terror, igual aos filmes a que sempre assistia. Ele sempre gostou de histórias de terror, mas nunca, em hipótese alguma, queria que sua vida virasse uma.

Lucas era um garoto de quinze anos muito inteligente, cabelos negros e pele pálida, ia ao Harkins desde pequeno com seu avô, o cinema sempre foi conhecido por ser o lugar mais mal-assombrado daquela pequena cidade e os fenômenos que haviam acontecido durante o último filme comprovaram isso.

Dias depois, ninguém da cidade tinha ideia do que tinha ocorrido, exceto os donos e a polícia, a qual colocou vários cartazes que proibiam a entrada das pessoas e cones para não se aproximarem. Harkins se tornou, de fato, o lugar mais assustador e misterioso da cidade.

Lucas não estava nada feliz com tudo aquilo, era o lugar onde se sentia próximo de seu avô, um lugar de boas memórias. Ele ansiava por entrar mais uma vez naquele lugar, com a mente sonhadora, queria descobrir o que havia por trás daquele mistério todo, e no final, virar um caça-fantasmas conhecido, como o protagonista de sua série favorita.

À noite, esperou sua avó dormir e foi até o cinema para encontrar seus dois amigos, Pedro e Tiago, que o ajudariam a caçar os fantasmas. Eram apenas os três naquela escuridão, o medo era presente, mas não podiam desistir daquela ideia de serem reconhecidos.

“Trouxe o que combinamos?”-perguntou Tiago para Lucas, que rapidamente desceu sua mochila e tirou sua câmera, logo entregando ao amigo, que ligou e começou a gravar.”Certo, olá pessoas que estão vendo este vídeo, hoje nós iremos provar que fantasmas são reais. Estamos de frente para o cinema mais mal assombrado do mundo”.

Eles entraram pela porta dos fundos e foi como se todos os fenômenos do outro dia começassem a acontecer, ouviam barulhos de batidas, passos no teto e nas paredes, as poltronas se arrastaram de um lado para o outro e as luzes de suas lanternas começaram a falhar. Estavam

aterrorizados, mas juraram ir até o fim, apenas usando a câmera com visão noturna, que era a única coisa que funcionava no momento.

“Pessoal, olhem!”-disse Tiago, mostrando através de sua câmera, várias manchas escuras que claramente eram incomuns.“precisamos segui-los, se a gente conseguir filmar os fantasmas, vamos receber muitas views.” -Os outros concordaram animados, estavam prestes a filmar algo impossível. Era como se todo aquele medo tivesse virado pura curiosidade e adrenalina.

Os rastros os levaram até o porão, conforme iam descendo as escadas, os barulhos ficavam cada vez mais altos. Chegando lá embaixo, Lucas deu um grito, ele e os amigos estavam rodeados de roedores e procionídeos irritados. Foi o fim... Fantasmas?

Eclipse de Amor

Roberta Pontes Tomazi

Toda noite, a Lua cheia, amarela e sozinha, apenas com milhares de estrelas, transmite todo o seu brilho pelo céu azul escuro e limpo. Suavemente a Lua ilumina as montanhas, os pequenos riachos e, além de tudo, ela traz esperança para todos aqueles que decidem desligar-se de si próprios e apenas contemplá-la.

Mas em todas as suas versões, ela morre sem fôlego. Sua solidão quase a matou, porque mesmo sendo extraordinária, era solitária. O seu único desejo era encontrar alguém que a energizasse.

Como encontrar alguém já que o seu destino já estava traçado? Sabia que o ideal a se fazer era apenas cumprir a sua missão: iluminar e encantar os amantes, silenciar a gritaria interna de todos aqueles que ainda acreditam no amor.

Mas a Lua também precisava sentir a sua própria magia para se tornar livre. Talvez o seu grande momento de prosperidade estaria lhe esperando em um verão com um céu azul claro. Seria o Sol a única estrela capaz de amar a Lua, a ponto de morrer toda noite para que ela pudesse respirar ?

Os dois astros que vagavam pelo universo eram solitários, não conheciam ainda o “sentir”. Uma vez, quase se tocaram, em um momento no qual quase fomos capazes de escutar a pulsação de seus corações.

Cada pequeno detalhe dos dois naquele momento se entrelaçou e, rapidamente, foram separados pela escuridão das trevas. Durante dias eles eram apenas dois apaixonados, sofrendo com a angústia de nunca mais viver um momento como aquele.

O universo, frustrado com tamanha melancolia, concedeu a eles um tempo para o adeus. A magia finalmente aconteceu e, no céu, formou-se um leito fascinante e delicado. Todos se alinharam para ver a felicidade dos dois.

A noite estava linda, as estrelas brilhando como nunca, e as nuvens brancas em perfeita sincronia.

Seus corpos celestes se uniram em um lindo reencontro. Os sentimentos renasceram e o Sol dançou junto com a Lua em um momento de amor eterno. O brilho dos dois coloriu de cores radiantes no céu, a representação perfeita dos seus desejos mais intensos e profundos.

Os seus reencontros foram nomeados de Eclipse, já que eles desaparecem em uma só forma, juntos.

Ainda que, passageiramente, parcialmente ou totalmente, os seus raros encontros expressam a sintonia dos dois em longos anos de saudade.

O amor deles jamais terá fim. Todos os astros viveram a beleza do amor entre dois amantes, para todo o sempre: o Sol e a Lua.

Caminhos de Barro

João Vitor de Abreu Santos

Dentro do vagão, o frio era imenso, o vento entrava pelas frestas da madeira e cortava, como navalhas amoladas. Não havia bancos, nem local para se aquecer, estavam sendo transportados como animais, somente com a roupa do corpo contra um inverno furioso.

O ano era 1940, em plena segunda guerra mundial, alemães estavam invadindo cidades a procura de judeus, homossexuais e negros, por ordem de Hitler. Invadiram a cidade de Jackson, na Noruega, e lá, capturaram muitas pessoas, a maioria delas judeus e, dentre eles Athelstan, um homem judeu, muito belo, e Judit, uma mulher judia encantadora que usava um perfume adocicado como mel. Ambos eram um casal muito bonito e, por sorte, foram colocados no mesmo vagão. Estavam indo para campos de concentração e discutiam como sairiam de lá, mas parecia uma tarefa impossível.

Descendo do vagão, a fumaça ofuscava a beleza do amor e corrompia seus corações e sentimentos. O lugar tinha um clima pesado, com campos grandes e cercas de arame farpado. Foram mandando fazer uma fila em um caminho de barro que tinha por lá, uma multidão de pessoas se agruparam por ordem dos guardas.

Números foram tatuados em seus antebraços. Adentrando o lugar mais a frente, foram separados homens e mulheres, e foram se despidendo de seus bens: roupas, óculos, joias entre outras coisas. E soldados davam roupas iguais independente do tamanho, eram pijamas listrados, se trocavam ao longo do caminho, sem nenhuma privacidade.

Athelstan antes de ir, deu último beijo em Judit, pois não saberia quando ia vê-la de novo. O beijo foi caloroso e exalava amor puro com gotas de esperança, quando separados foram para locais diferentes, mas com problemas e tragédias iguais: pessoas comendo e dormindo feitos cães de rua, com doenças, moribundos ou até mesmo mortos. E perceberam que não eram os primeiros a ir para lá. Não tinha como não ficar aterrorizado.

Passando algumas semanas, Athelstan estava trabalhando como um escravo carregando pedras e pilares de madeira, não se alimentava direito e por vezes delirava de fome.

Judit era maltratada, por ser uma mulher bonita, soldados alemães abusavam dela, batiam, estupravam, usavam-na como um brinquedo sexual. O sofrimento dela era tanto, que preferia morrer a passar por aquilo, pensava consigo mesma:

_ Deus, por que me castiga assim? Isso é o inferno na terra. O que posso fazer?

Passando-se dois meses as pessoas não paravam de chegar, por conta da lotação Judit foi mandada com outras mulheres para um alojamento e lá era frio, o clima era tenso, a dúvida e sofrimento rondavam aquelas pessoas.

Numa manhã, soldados entraram no pavilhão e disseram que todos deveriam ir para o banho. Todos tiraram suas vestes e nus desceram as escadas, numa espécie de bunker. A porta foi fechada, perceberam que estavam trancados, não demorou para sentirem um cheiro estranho e perceberem uma névoa. O gás era mortal sufocante e ardente, com um odor de podre. Judit até tenta não respirar... Pouco a pouco todas vão caindo... Era o fim.

Athelstan soube durante o caminho que fazia todos os dias para carregar as pedras. Sentiu pontadas no coração, mas só conseguiu ver a fumaça saindo da chaminé. Sentiu o cheiro do perfume de Judit mesclado com o odor de cinzas, seu corpo enfraqueceu drasticamente no mesmo instante.

Cinco semanas depois, doente e sem forças, acreditou que faltava pouco para morrer. foi quando russos chegaram no local, e os alemães disfarçando o tratamento deplorável dado aos prisioneiros, escolhem os piores, aqueles que estavam à beira da morte para que soltos, fossem morrer em outro lugar.

Athelstan foi mandado às pressas com mais algumas centenas de pessoas para uma caminhada, sem rumo, porém com pingos de esperanças que iam ser libertados, iludidos ou não era o que restava para aquelas pobres almas. Era início da primavera, com a neve já derretendo, um sinal de renascimento de uma nova vida fora do campo de concentração. Athelstan vestia trapos e só queria o descanso, Judit era a única coisa que tinha na mente naquele momento e uma vida sem seu amor, não faria sentido.

Finalmente seu corpo e mentes cederam, caiu estirado no chão gelado, como estava seu coração. Suas pálpebras ficaram pesadas e se fecharam lentamente, seu corpo não respondia mais e ele finalmente teve seu merecido descanso no caminho de barro.

Em busca da verdade

Ana Clara Pellizzaro

Há muito tempo, em um reino distante, Katherine, uma jovem moça, foi prometida em casamento ao príncipe Antony. Ela sempre esteve à frente de seu tempo, era muito inteligente, conseguia fazer coisas ditas impossíveis naquela época, e por ser de uma família rica, recebeu uma boa educação e sempre usava isso a seu favor.

Katherine não queria se casar com Antony, um homem que ela mal conhecia, mas naquela época não havia muita opção, e para não desonrar sua família era o que seria feito. Antes do casamento uma temporada de bailes seria realizada no palácio real. Lá Katherine conseguiria ver um pouco da sua futura vida.

Enquanto ela se arrumava em um dos aposentos do palácio, escutava um burburinho dos funcionários sobre um grande escândalo real. Não deu muita importância, pois tamanha barbaridade não poderia ser verdade. Mas o que se dizia era muito grave...

A família real estava envolvida em grandes esquemas de desvio de dinheiro e mercadorias, enriquecendo às custas dos mais pobres. A partir dali, Katherine se vê na missão de desmascarar todo o esquema antes do casamento, pois não conseguiria imaginar se casar com Antony e fazer parte disso.

A fim de buscar recursos e mais informações, interpelou Henry, um ex-administrador real, que também não se conformava com o que se comentava no reino. Henry e Katherine passam a se encontrar para montar um caso consistente para expor à coroa.

Todas as noites pesquisavam e juntavam informações sobre o caso. Nesses encontros, entre descobertas e risadas, a química entre os dois era facilmente perceptível, mas ambos negam seus sentimentos, até porque Katherine era noiva.

A paixão, no entanto, não escolhe hora nem lugar e isso aconteceu: Henry e Katherine estão apaixonados. Isso seria mais um motivo para expor a coroa, pois se Katherine se casasse com o príncipe os dois não poderiam mais se ver.

Então, entre preparativos do casamento de dia, e encontros com Henry à noite Katherine viu sua vida mudar. A adrenalina consumida suas veias estava entre os momentos mais felizes da sua vida com seu amado Henry e a angústia de não saber se conseguiria desmascarar a coroa antes de seu casamento. Isso a apavorava.

Os últimos dias foram intensos, cada segundo contava, pois se a investigação e o caso não fossem consistentes, Katherine poderia perder tudo, não viver seu “feliz para sempre” com Henry e ainda desonrar sua família.

Poucas horas antes do grande evento, Katherine e Henry finalmente terminam sua investigação. Ele insiste em acompanhá-la para que os dois possam desmascarar o esquema, mas ela explica que aquilo era uma situação que precisava resolver sozinha.

Então, Katherine toma coragem e surge no seu próprio casamento, na frente de todos não com um vestido branco e angelical, mas sim num volumoso e empoderado vestido vinho, e com propriedade começa a falar tudo que ela sabia, deixando todos boquiabertos.

Uma grande revolução acontece na própria festa de casamento da jovem, e todos os membros da realeza são depostos de seus cargos e presos.

Katherine então se torna uma heroína para esse povo e, por voto popular, é considerada a próxima rainha que ao lado de seu amado Henry governam um reino para todos.

A Previsão

Sophia Olivo

Era um dia comum de trabalho para Anastácia, uma cartomante famosa na região. Criada em uma família de ciganos, tinha cabelos longos e pretos, era sensível e possuía um conhecimento admirável pelo universo assim como do tarot.

Nunca foi muito respeitada pelos seus clientes, por ter uma beleza invejável, passando assim por muitos perrengues. Talvez, por isso nunca teve relacionamentos com ninguém.

O cliente deste dia ocupava o último horário do último dia da semana.

Anastácia já estava esgotada da semana longa e das sessões que havia realizado. O último cliente do dia entrou na sala. Era um homem muito belo, moreno, alto e com olhos claros. Era James e estava atrás de uma explicação do motivo pelo qual ele nunca encontrava alguém para dividir sua vida. Embora bonito, James era solitário e não entendia a razão disso, temia viver o resto de sua vida assim. Foi isso que o levou então a tentar o tarot, com Anastácia, que era uma boa referência na região.

Anastácia se impressionou com a educação de James e de como ele a tratou. Antes mesmo de James relatar tudo o que passava, Anastácia virou a primeira carta e viu muita solidão e tristeza. Ela pediu para que ele relatasse sobre seus sentimentos, mas James não quis fazê-lo.

A segunda carta foi virada e a cartomante vê trauma e uma turbulência no passado. Faz perguntas para ele, que, com os olhos cobertos de lágrimas, relata o momento de sua vida e dos abusos da madrasta quando era criança. Neste momento, Anastácia vê que ela não era a única e, tocada com a história de James, decide contar sobre sua trajetória também. Sofrera abusos também e era hora de contar...

Eles choravam juntos sobre as cartas, apagando as velas que havia sobre a mesa. Anastácia nunca tinha sentido aquela energia antes, muito menos James, porém ambos não falaram sobre essa outra sensação.

A sessão continuou e Anastácia vira a terceira e última carta, aquela que nunca havia tirado para ninguém em sua carreira. Essa carta mostrava que o amor de James, estava próximo, muito próximo. Ela logo soube o que a carta queria dizer e, novamente, chorou. James não tinha entendido ao certo do que se tratava,

Então ela explica que ela era o seu amor, e o futuro que ele buscava, ele encontrava nela. James revela que sentiu essa sensação logo que entrou em sua sala e a viu, sentada com as pernas cruzadas, disposta a curar todas as feridas que ele carregava.

A Flor

Otávio Rohden Pasa

-A vida é um oceano!

Disse Seu Laurindo, de 85 anos, aposentado e pobre em estatura, mas rico em dor nas costas; enquanto arrumava alegre a mesa da sala com seu neto. E tamanha labuta fora essa arrumação. Cadeiras foram arredadas, panos passados, quinquilharias jogadas fora e por aí vai, mas, no fim, o resultado foi surpreendente, nenhum móvel esteve tão bem organizado naquela casa nos últimos trinta anos.

Orgulhoso quanto sua obra de arte do serviço doméstico, Seu Laurindo foi até a cozinha para comer um generoso pedaço de marreco assado e ter seu merecido descanso, afinal, mal conseguia suportar o próprio peso por conta do genocídio que fizera com suas vértebras. Então, não conseguindo deixar de soltar um pequeno gemido de desconforto, pegou um prato e quando estava prestes a pegar a ambrosia em sua frente, uma voz alta e estridente ressoou pela casa:

-Laurindo! Venha já aqui!

Era Dona Lurdes, de 70 anos, esposa de Seu Laurindo, dona de casa e pobre em saúde, mas rica em mau-humor; havia acabado de sair do banheiro e se deparou com algo que, em seus olhos, era imperdoável.

-O que foi, senhora? – exclamou Seu Laurindo indo em sua direção com o prato vazio em mãos – Algo de errado?

-Não me venha com senhora daqui, senhora de lá. -disse com desdém – Olha aqui o que você fez!

-Eu arrumei a mesa, o que há de errado?

-Não estou falando da mesa, seu velho caduco, onde está ela?

-Ela quem?

-A minha flor, Laurindo! Onde que tá a minha flor!?

Dona Lurdes se referia à astromélia artificial laranja que ganhara na semana anterior em um sorteio do grupo de tricô. De alguma forma, aquela flor a lembrava de seus tempos de juventude e, por ela, desenvolveu uma grande admiração, entretanto, agora ela havia sumido (não que ela a tenha procurado ao perceber que não estava em seu lugar habitual em cima da mesa).

-Aquela sua coisa laranja? Ela está no armário. – Falou, Seu Laurindo, já cansado da situação.

-Vou lá ver então, duvido que esteja lá.

E lá foi Dona Lurdes, devagarinho indo até o armário da sala. Chegando lá, depois de alguns passos curtos e instáveis, abriu a portinha e encontrou sua preciosidade de plástico, então, começou a gritaria:

-Laurindo, eu não aguento mais, quem disse que você podia tirar a rosa do lugar que coloquei!? Ora, você nunca me respeitou! Lembra aquela vez que você não me deixou ir naquela festa quando a gente tava namorando!? É, pois é, eu lembro... – assim continuando por um monólogo de quase 30 minutos.

Seu Laurindo ficou em silêncio enquanto recebia a bronca e, ainda em silêncio, saiu de mansinho para comer. Depois que ela já havia terminado, porém, enquanto passava para o outro cômodo, Dona Lurdes percebeu que uma das pétalas de sua flor havia caído e começou a puxar fôlego para mais um discurso. Percebendo isso e já sofrendo por ficar em pé, Seu Laurindo jogou o prato no chão e o quebrou em mil pedacinhos. Naquele momento, olhos se entrelaçaram... o medo tomou o coração de Seu Laurindo e, sendo esse horror maior que sua dor, ele saiu correndo para seu quarto e lá se trancou.

Nada foi dito, a sujeira foi limpa, mas, sabendo o que Dona Lurdes era capaz de fazer com um pedaço de telha quando estava furiosa, Seu Laurindo preferiu ficar trancado em seu espacinho por três dias seguidos, saindo apenas de madrugada para comer e fazer necessidades impossíveis de se colocar em uma garrafa.

Em uma outra visita, seu neto esperou que Dona Lurdes estivesse ocupada e deu algumas batidas na porta dizendo:

-Vovô, o senhor está bem?

-Sua avó está aí perto? - perguntou Seu Laurindo.

-Não, ela tá lidando com o almoço - respondeu o neto.

Nesse momento, o enclausurado abriu a porta do quarto e sorrateiramente puxou o garoto para dentro, falando após trancar a porta:

-Lembra do que eu te disse sobre a vida, Otávio? Então, sua avó me afogou nela!

A Mensagem Misteriosa

Otávio Bridi Fontana

Naquela calma e escura noite, uma mensagem misteriosa tinha sido enviada para mim, pedindo para que eu fosse para um local totalmente deserto e pouco conhecido, no dia 22 de Janeiro do ano de 1894. Como demoraria um pouco para esse dia chegar fiquei pensando em quem poderia ter me enviado a misteriosa carta que me intrigava tanto, fiquei pensativo pelas duas semanas seguintes, até o dia 22, o grande dia. Estava ainda chocado com o desaparecimento de várias pessoas da cidade. Tudo isso era muito misterioso.

Era um lugar escuro e vazio, parecia que ninguém passava por lá há meses, mas por que esse lugar? Então percebi, era perfeito para conversar ou matar um detetive, por mais que não tivesse ninguém por lá era isso que aparentava.

Esperei por 30 minutos até que uma voz surge da escuridão: "ainda bem que veio, estava precisando de você por conta do que anda acontecendo na cidade".

E eu curioso respondo: "já ouvi rumores dos acontecimentos, mas por que quer a minha ajuda?"

A misteriosa voz respondeu: "não estamos conseguindo descobrir o culpado, ele é extremamente inteligente".

Apenas falei que pensaria no caso e fui embora.

Depois de dois dias outra carta chegara e a letra era a mesma que a primeira. Imaginei que seria a mesma pessoa pedindo a minha ajuda, mas não. Dessa vez a mensagem era de quem estavam procurando: o culpado pelos sequestros e talvez assassinatos.

Ele estava perguntando sobre a pessoa que fizera o primeiro contato comigo. No final da mensagem havia um endereço para que enviasse a resposta. Pensei em ir pessoalmente, mas seria muito provável que não fosse o real esconderijo do culpado. Respondi a carta e a enviei para o endereço e esperei por respostas.

Depois de praticamente duas semanas recebi duas cartas, uma do culpado e outro do mesmo homem que tinha me enviado a primeira carta. Fiquei confuso, parecia a mesma letra. Poderiam ser irmãos? Logo descartei essa hipótese, pois por mais que fossem irmãos a letra não seria a mesma. Ambas as cartas pediam para que nos encontrássemos. Numa das cartas o local era um pouco longe da cidade, já a outra era em um café. O único problema: ambas no mesmo dia e hora, teria que escolher uma.

Pensei um pouco e o cuidado me intuiu a não ir para longe da cidade para ver alguém que nem conheço, suspeito em crimes, pelo menos não sozinho, mas decidi ir ao café conhecer a pessoa que tanto precisava da minha ajuda.

Logo que cheguei ao local, vi um homem alto, de cabelos cinzas e um bigode bem acentuado, vestia um terno cinza e um chapéu coco preto, chamou a atenção o jeito que se vestia, pois era extremamente elegante. Ele logo se aproximou e, durante nossa conversa, pensei o que aconteceria se eu fosse para o segundo local. Se fosse o mesmo homem como ele adivinharia que eu iria no café?

Fui tolo em não pensar que ele poderia usar o mesmo raciocínio que eu usei para fazer essa escolha, ou seja ele imaginou que como o café era mais seguro eu iria lá, mesmo que fosse somente ideias da minha cabeça fazia muito sentido.

Então eu falei que o certo culpado que ele estava procurando tinha me enviado duas cartas, ele olhou para mim e perguntou: "E o que ele falou nas cartas?" Eu respondi: "Nada demais, apenas queria saber sobre a sua aparência". O homem olhou para mim meio assustado e então o clima mudou, mostrei as cartas e perguntei o motivo de as letras serem iguais. Ele não me respondeu, ficamos em silêncio por um tempo até que me pergunta: "Por que quer saber isso?" Eu falei: "Tenho uma pequena desconfiança que sejam a mesma pessoa". Ele riu e falou: "como que seríamos a mesma pessoa, já que os locais das cartas são diferentes"? Pergunto com ironia: "Por que as datas e horários são os mesmos, acho que não pode ter sido só coincidência, não é mesmo"?

Logo após o meu questionamento, ele ficou em silêncio e decidiu terminar a conversa, no outro dia, segui até o destino da outra carta, era um galpão abandonado, fiquei me perguntando o que teria lá dentro. Fui dar uma olhada, como eu imaginei era o local onde o sequestrador estava se escondendo, o que eu vi foi inesquecível e muito triste: pessoas com fome quase morrendo. Acionei a polícia.

Acompanhei os policiais até o galpão, já era noite. Será que o sequestrador nos esperava? Logo apareceu e, como eu esperava, era o mesmo homem que marcou de me encontrar no café. Ele foi pego de surpresa e obrigado a se render, logo após resgatamos todas as pessoas que estavam lá.

No julgamento foi condenado à prisão perpétua, como já era o esperado, por conta de tudo que havia feito, depois de todo esse caso decidi tirar uns dias de descanso, mais ou menos umas três semanas, já que não dá para descansar para sempre.

O caso Rentford

Laura Neves Soares

O trabalho como detetive é sempre um desafio, tanto para nós quanto para nossos clientes. Dessa vez, não foi diferente.

-Seja bem-vindo detetive, espero que sua pequena viagem tenha sido agradável - disse meu cliente, o barão de Rentford.

Rentford, um homem arrogante e detestável para sua altura, recentemente recebeu uma grande fortuna de seu tio e, como ele era o único herdeiro, o título e o dinheiro ficaram para ele. É claro que isso atraiu muitos olhos curiosos de ladrões, inclusive, um dos maiores medos do barão: sua ex-esposa, agora madame Villeneuve, que também pareceu muito interessada. Desde que se separaram há uns 2 anos, ela mora na casa vizinha à esquerda do barão, e sempre estão trocando farpas quando podem.

Todo o dinheiro, joias, quadros e objetos valiosos seriam entregues na noite de quarta-feira na casa do barão e colocados em seu cofre. Para maior segurança, eu fui convocado para ajudar a supervisionar e impedir que algum imprevisto acontecesse.

-Obrigado senhor, a viagem foi muito agradável - eu, finalmente, disse.

Continuamos uma conversa sobre amenidades enquanto andávamos pela casa, grande, bem decorada e isolada do grande centro, juntamente com o barão, analisando cada espaço minuciosamente decorado com candelabros de prata e velas de cera de abelha, além de pinturas valiosas da época vitoriana. Mostrou também o cofre onde o dinheiro e joias seriam guardados.

Nossa estratégia era simples, ficaríamos na porta da sala do cofre, impedindo que nenhuma alma viva nem morta, entrasse ou saísse, supervisionando os empregados que iam e voltavam, arrumando e guardando os pertences preciosos.

Acabamos por nos fixar na sala do cofre, onde uma mesinha de canto chamou minha atenção, nela havia um whisky e dois copos de cristal, que fiz questão de olhar de perto. Já cuidei de um caso onde envenenaram não a bebida, e sim o copo, realmente muito intrigante, por isso fiz questão de me manter observador.

De repente escutamos algo:

-Deu sorte hein! -disse uma voz feminina sarcástica.

Eu e o barão olhamos pela janela e vimos uma mulher bem vestida olhando para nós.

-A sorte está do meu lado e a inveja, me parece, está do seu- disse o barão.

E a mulher deu as costas e saiu andando com passos fortes. Madame Villeneuve não conseguiu se conter, ainda mais que seu quarto ficava janela com janela à sala do cofre do barão. Os dois não se davam bem, era óbvio, teria sido traição.

Já era meia noite e nenhum sinal de ladrão, os empregados já haviam ido embora, mas a janela do quarto de madame Villeneuve me prendeu por um tempo, fiquei ligeiramente preocupado, mas isso não me impediria de cumprir meu trabalho. O barão, feliz que estava, decidiu tomar um whisky daquelas garrafas bonitas e caras da mesinha. Levantou e me ofereceu um pouco, recusei, pois não bebo em serviço. Depois de se servir, ele se sentou na poltrona que ficava de costas para a janela e apoiou seus pés na mesinha de centro onde jogávamos poker. Sorvendo

leves goles, alternando entre o jogo e a garrafa de whisky, ele ria e se gabava de si. Enquanto eu, absorto no jogo, esperava...

-COF COF COF...-O barão começou a engasgar. Seu copo de cristal caiu logo em seguida, manchando o carpete azul escuro de whisky e um pouco de sangue que escorria de sua boca. Enfiar o abridor de cartas em suas costas acabando com seu sofrimento e deixei por assim mesmo.

Sem muita pressa esvaziei o cofre, levando tudo para o meu caminhão que esperava lá fora e que saiu às pressas. Enquanto limpava todos os meus rastros, liguei para meus colegas policiais para virem buscar o corpo e fazer todos aqueles papéis chatos.

No dia seguinte os jornais anunciaram a morte do barão e que morte terrível, não? Morte a qual eu contara que havia sido causada por um ladrão que passou por cima de nós. E todos acreditaram.

Afinal, quem suspeitaria do detetive?

A noite de horror

Pedro Lucas Prado Vorél

Ricardo, o psiquiatra, formado há cerca de 5 anos, recebeu uma ligação do diretor do manicômio Madhouse para trabalhar no local, como estava desempregado no momento, aceitou o pedido do diretor, já que a proposta era muito boa. Logo, mudou-se para Ohio, cidade onde se situava o manicômio. O trabalho logo começou e seu turno era à noite em muitas ocasiões.

Em uma noite escura e sombria de lua cheia, Ricardo vai até o manicômio Madhouse, seu local de trabalho, cumprir seu período noturno.

Chegando lá ele tem impressões ruins e vê que o clima no local não está bom como era nos demais dias. Ele sentia muitos arrepios e apertos que se espalhavam por seu peito, como se algo estivesse o apertando, mas, mesmo assim, continuou seu trabalho.

Péricles, chefe de Ricardo, também psiquiatra e diretor do manicômio Madhouse, naquela noite, estava apresentando comportamentos estranhos, Ricardo viu que seu chefe estava diferente, ficou realmente preocupado e até mesmo perguntou ao diretor se ele estava bem, mas, o diretor só falava não e continuava agindo estranhamente. Péricles estava de cara fechada, sendo que sempre estava sorrindo, também estava andando de maneira estranha, mas, o que mais assustou Ricardo, foi a trajetória de Péricles, pois, ele estava indo da sala de administração ao subsolo do manicômio com papéis que pareciam ser arquivos velhos.

Ricardo ficava em dúvida e achava muito estranho isso, pois o subsolo era um lugar sombrio, onde somente ele ia, pois até mesmo o próprio diretor Péricles não gostava de entrar lá.

Quando a noite foi ficando mais intensa, por volta das 2 horas e 30 minutos, Ricardo começou a escutar barulhos, batidas, falas altas e resolveu verificar, já que restara somente ele e Péricles no manicômio, além dos internos e, como só sobraram os dois, esses barulhos e essas falas não poderiam acontecer, ainda mais no subsolo onde ninguém iria.

Chegando perto da escada que dava acesso ao subsolo, Ricardo ouve barulhos estrondosos, até mesmo gritos. Ele foi chegando mais perto e tudo levava à escada que dava ao subsolo.

Ricardo, homem corajoso que era, desceu a escada e foi ver o que estava acontecendo; passou na enfermaria não havia nada, foi até as áreas onde deficientes que tinham comportamentos estranhos e eram perturbados ficavam e, novamente, não havia nada. Estava até calmo, mas os barulhos continuavam, cada vez que Ricardo chegava mais perto da sala de arquivos, os barulhos ficavam mais intensos e aterrorizantes.

Quando Ricardo entra na sala de arquivos, vê vultos, luzes piscando e, no final da sala, o corpo de Péricles totalmente desmembrado, com um arquivo cheio de sangue em seu peito. Ficou estarecido! O que acontecera ali? Ricardo pega o arquivo e começa a folheá-lo. Na medida em que passava as folhas muitas coisas horrorosas apareciam, como pessoas mortas, torturadas e até mesmo histórias de pessoas que foram exorcizadas no manicômio.

O horror crescia a cada página. Chamou a polícia estava desesperado e com medo, tinha de levar aquele arquivo à polícia, mas ele não esperava que os monstros e fantasmas que havia no manicômio iriam tentar matá-lo.

A luz acaba! Gritos mais intensos vão em direção a Ricardo e ele sai correndo da sala tentando escapar do manicômio, no corredor monstros e fantasmas aparecem, ele corre como nunca e tenta desviar do perigo.

Chegando na escada que dá acesso principal à saída do Madhouse, Ricardo é puxado pelo pé e arrastado escada abaixo, ele se machuca, bate a cabeça nos degraus e tem diversos hematomas nas pernas por conta das garras do monstro que o pegou, mas consegue levantar, despistar o monstro e seguir até a saída.

Na porta, ele tenta várias vezes abri-la, mas ela somente abria com energia e já que o manicômio estava sem luz, ele só iria conseguir sair dali utilizando um cartão de acesso que o diretor do manicômio possuía. Teria que voltar...

Ricardo deixa os arquivos na porta e volta em silêncio ao subsolo, desce as escadas, segue em frente no corredor e entra novamente na sala de arquivos, vai até o corpo de Péricles, pega o cartão de acesso e quando ele se vira para ir embora um monstro gigantesco e assustador está de pé atrás dele. A porta vai fechando devagar, ele começa a rezar, se ajoelha e vê uma saída; resolve rolar bem debaixo das pernas do monstro e fugir. Ricardo rola e consegue escapar da sala de arquivos, vai em direção a escada consegue subir e finalmente abre a porta com o cartão de acesso e sai do manicômio.

Quando ele entra no seu carro, olha para trás e vê coisas horrendas indo em sua direção. Ele liga o carro, acelera e quando saiu das redondezas do manicômio tudo se acalmou, ainda sentia uma presença estranha. Ricardo olha para trás e nada estava sentado, mas quando olha no retrovisor, um monstro todo deformado aparece, Ricardo resolveu encostar e respirar um pouco e soube que o que ele viu era somente uma alucinação e trauma por conta dos sustos levados.

Após tomar um ar, Ricardo segue caminho até a delegacia. Finalmente, quando ele chegou entregou os arquivos ao chefe de polícia e conta o que aconteceu. Logo o manicômio foi fechado para sempre, os internos foram transferidos para outro hospital e as almas e monstros ficaram presos na Madhouse para sempre.

O outro lado

Luiza Rosa de Mira

Quando recebi aquela ligação, meus olhos se entristeceram, senti minha vida desabar em questão de segundos. Meu marido Gabriel, sempre tranquilo e carinhoso, há pouco tempo foi diagnosticado com câncer, contra o qual nós estávamos lutando muito para superar.

O primeiro e único amor da minha vida tinha acabado de falecer por conta de uma complicação da doença. Chorei, gritei, achei injusto, mas nada faria com que ele voltasse para mim. Dias depois de seu falecimento, meu coração já não aguentava mais de tanta tristeza, durante várias semanas fiquei fechada em casa e distante de todos.

Mas não era possível viver assim... As minhas amigas insistiam para que eu saísse... Nada fazia passar a dor. Numa das nossas conversas chorosas elas indicaram um instituto, uma forma de centro de apoio que garantia a possibilidade de estabelecer contato com os mortos, seu nome era Reviver. Encontrei várias informações sobre o lugar e decidi conhecê-lo.

No Instituto Reviver, uma mulher me recepcionou e explicou como tudo funcionava, e eu me surpreendi com a quantidade de pessoas com o mesmo propósito que o meu. Ela me explicou que, neste lugar, a mente das pessoas era mantida de uma forma que, de algum jeito, os pensamentos e memórias se conservavam. Gostei da ideia e no decorrer da semana pesquisei um pouco mais sobre o instituto e suas ações.

Fiz ainda várias visitas chamadas de terapêutica para aprender a lidar com meus sentimentos. Comecei a me conectar com o Gabriel através de mensagens e pensamentos, ele parecia muito bem e o seu jeito permanecia o mesmo. Ao mesmo tempo que me senti aliviada por saber que ele estava bem, fiquei me perguntando se eu realmente fui a esposa que ele sempre desejou e se ele conseguia ficar bem sem mim.

Notei nas minhas visitas, que uma mesma mulher de aparência bonita e cabelos castanhos sentava ao meu lado. Também notei que toda vez que eu estabelecia algum tipo de contato com Gabriel, ela também estabelecia com alguém. Aquilo foi me angustiando com o passar do tempo e me pareceu muito estranho. Queria saber com quem ela se conectava.

Nesse dia, levantei-me do lugar onde estava e fiquei atrás dela, confiante de que iria descobrir algo. De primeira, a moça pareceu um pouco incomodada, pude perceber nas suas expressões. Descobri que seu nome era Clarissa, mas só isso não bastou. Ela falava com alguém por quem nutria um sentimento muito forte. As mensagens eram frequentes e eu reparava em tudo.

Quando eu finalmente descobri de quem ela recebia tanta mensagem, meus olhos lacrimejaram... Quem era essa mulher? Descobrir isso era muito importante e eu ainda não sabia ao certo por quê.

Finalmente soube que não era a única... Gabriel tivera uma filha... Ela estava ali. Tinha os seus olhos e o jeito terno de me olhar... Ela era filha do seu outro relacionamento que ele nunca teve coragem de me contar.. Eu sempre fui a mulher em quem ele podia confiar e compartilhar os seus melhores e piores momentos. Mas esse segredo morreu com ele.

Copos de Bebedeira

Yasmin Coppini

Nicolas

28 de novembro de 2005

Era só mais um dia. Eu estou bem. Minha cabeça tá doendo muito, acho que era mais um dos remédios que eu estava tomando. Todos os dias, eu me olhava no espelho e percebia que estava mudando, me tornando um cara que corre riscos por alguém que não estava mais aqui, se fosse importante... mas não. Machucado por conta das brigas que participei, as cicatrizes ainda continuam comigo, são um pouco grandes, mas é suportável olhar para elas. Minha insegurança aumentava cada vez mais, odeio ficar pensando no que aconteceu com ela, odeio voltar ao passado e relembrar do sofrimento que passei. Eu a amava e consegui perdê-la. Lembrar de seu rosto é como uma tortura. Como aconteceu? No início de 2000, eu havia me mudado para uma escola nova, a primeira aula foi de literatura, eu me lembro que estava com medo. Medo das pessoas e do que achariam de mim. A professora era morena, com mais ou menos 1,60 de altura, tinha um sorriso largo e contagiante e se chamava Carla. Ela me deu boas vindas, era simpática e muito acolhedora, mas parecia ser mandona. Todos tinham respeito e carinho por ela. Já eu, com o tempo, ter carinho por ela se tornou algo especial e único. Carla pediu para escolhermos nosso livro favorito e escrever sobre ele... E foi isso que fiz...

Carla

Fevereiro de 2000

“Agora vocês podem começar a escrever, tenho certeza de que os textos vão ficar ótimos.” Eu sou nova por aqui, então isso me abre muitas portas para entender como cada um escreve e se expressa a partir dos textos. O sinal bateu, os alunos começaram a sair da sala, o último foi Nicolas. Ele me chama atenção, seu estilo, seu jeito... Era alto, olhos negros e cabelos compridos da mesma tonalidade dos olhos. Parecia gostar de cores quentes nas roupas, era quieto, mas não tímido, apenas na dele, porém chamava atenção. Cheguei em casa, e comecei a ler todas as redações, um pouco cansada, peguei a que mais me interessava. Nicolas Barbi Rossi, seu livro escolhido foi “Cujo” de Stephen King, um ótimo livro de romance psicológico. Ele parece gostar de ler, o jeito que detalha os fatos é incrível, ele consegue mostrar o que sente por sua escrita. Amanhã quando entregar os textos, vou falar com ele sobre a escolha, não que seja um motivo para conversar com ele, mas para mostrar que seu desempenho foi ótimo. “Meu Deus Carla, você tá romantizando um aluno, e nem o conhece...” No dia seguinte, no final da aula, novamente foi o último a sair, eu o chamei para conversar. “Nicolas, sua escolha foi ótima,

apenas queria lhe falar isso. Se quiser conversar sobre o texto, vou estar na biblioteca depois das aulas.” Minhas aulas terminaram. Fui direto à biblioteca desejando que ele fosse também. Sei que é errado, mas e se for a pessoa certa? Acho que não foi por acaso esse sentimento repentino.

Nicolas

28 de Novembro de 2005

Sim, eu achava nada demais, mas estava em dúvida se eu deveria ir. Ela havia saído da sala logo após me convidar. Fiquei um pouco feliz, ela me chamava atenção. Lembro que depois das aulas, eu fui à biblioteca, olhei pela janela, e lá estava ela, concentrada com a cabeça abaixada, eu pensava em recuar, mas e se... Entrei pela porta lateral da biblioteca e fui até a mesa dela, sentei ao seu lado. Ela ficou um pouco surpresa, óbvio que achou que eu não iria, com a cara que eu tinha, parecia que não me esforçava.

Carla

Fevereiro de 2000

Hum, que bom que veio. Antes de começar eu vou pegar uns livros.

Ele me seguiu com seus olhos até a estante. Comecei a procurar o livro e logo percebi que ele estava ao meu lado. Olhos nos olhos, sorrimos sem jeito e conversamos até demais. Saindo da biblioteca, ele me roubou um beijo, foi errado, mas foi tão bom. Não quis me esquivar e se ninguém souber... Não seria errado...

Nicolas

28 de Novembro de 2005

É, me apaixonei e ainda sou apaixonado. Droga de memória que só me faz lembrar dela, do seu cheiro, dos seus lábios, da sua pele... Algo que nunca mais vou poder ver ou sentir novamente. Cá estou eu, ao espelho, sofrendo até hoje com os meus 21 anos, ainda correndo em círculos.

Carla

Quando?

Lembro-me de quase ser metade do ano, nunca parávamos de nos encontrar. Depois daquele dia na biblioteca, cada minuto e cada segundo com ele me viciava, era perfeito. Nosso jeito e nossa conexão. Nunca ninguém nos descobriu e assim ficou.

A minha vida estava completa com ele. Era algo proibido, talvez, mas eu o amei e ainda o amo. Fico triste vendo ele desse jeito, ainda chorando por mim, quero que ele siga sua vida, quero que conheça pessoas novas, ainda dá tempo, é jovem, por que desperdiçar? Eu ainda estou vagando pela terra, minha direção foi turva, não tomei cuidado. Se não fosse por mim, a

gente ainda poderia estar juntos. Acho que tudo acontece por um motivo, às vezes não era pra gente continuar, e essa seria a única maneira de nos separarmos... Quando eu o vi, me olhando, chorando, com uma roupa toda preta, sem que ninguém percebesse seu carinho por mim, me fez me sentir culpada. Tô tentando encontrar a luz. Sou o motivo da sua falta de felicidade. Só vou embora quando ele se sentir bem, por favor, pense em mim com carinho, eu também quero descansar.

Foi o único jeito

Matheus Ribeiro Da Silva

_Eu te conheci há 2 meses, você era mal falada pelos que te conheciam, mesmo com toda sua beleza e gentileza, diziam que era uma armadilha e que só me decepcionaria, mas eu não ligava, só queria continuar contigo, a garota mais linda, afetiva e atenciosa que eu conheço. Antes, eu não tinha nada, então você se tornou tudo para mim.

_Para mim, você também era tudo.

_Então, quando eu estava pronto para abandonar a vida, você apareceu, como a luz que iluminou meu caminho e me tirou daquela situação, minha vida tornou-se felicidade ao seu lado, eu não precisava de mais nada. Vivíamos colados, sempre andando e conversando, juntos, nada poderia nos separar. Toda semana íamos ao cinema, era o nosso lugar preferido, não importava o filme, se era de terror, comédia, ação ou romance, a nossa intenção sempre foi apenas estarmos juntos. Mas ainda éramos apenas amigos, nada mais...

_O cinema... que saudade.

_Até que naquele dia, por mensagens, você se declarou, falou tudo que sentia, que queria algo mais que apenas uma amizade, disse que desde que me conheceu, foi criando um sentimento que ainda não conhecia, mas que gostava muito. Fiquei muito feliz, minha vida tomou um rumo totalmente diferente depois que te conheci, e eu também sentia algo a mais. Logo depois disso, marcamos de sair, sábado iríamos ao cinema, nosso lugar preferido, não tem nada melhor que isso para um “primeiro encontro”.

_É, não mesmo.

_O filme começava às seis da tarde, eu cheguei mais cedo para escolher um bom lugar, o seu preferido, bem alto, fiquei te esperando muito nervoso, pois seria a primeira vez que iríamos nos encontrar como um casal. Mas o tempo foi passando e nada de você aparecer, o cinema já estava cheio, era um filme famoso, afinal. Então o filme começou. Continuei te esperando enquanto assistia ao filme, mas nem prestei atenção, não conseguia parar de pensar em porque você não apareceu.

_Me desculpa, mas...

_Depois que o filme acabou, te liguei várias vezes, porém, não obtive resposta, ainda assim, mandei várias mensagens e continuei sem resposta. Em casa, depois de voltar do cinema, liguei para sua família, eles me disseram que você saiu para ir ao cinema, achavam que estávamos juntos.

_Eu deveria ter aceitado ir de carro com meu pai...

_Passei o domingo todo te procurando, você era tudo pra mim. Mesmo muito triste, não perdi as esperanças de te encontrar em momento nenhum, então acionei os policiais e saí pelas ruas te procurando e perguntando a cada pessoa, se por acaso tinha visto uma linda garota de cabelos loiros, mas ninguém tinha visto nada, você estava desaparecida.

_Eu sabia que você não desistiria!

_Então, logo no outro dia, eu recebo uma ligação, era a polícia, eu estava no meio da aula, nem perguntei para o professor se eu podia sair, só saí correndo para fora da sala e atendi a ligação dos policiais, que me disseram que tinham achado uma garota baleada num beco, e que sua aparência era muito semelhante a da garota que procurávamos. Eu nem pensei muito, só desliguei o celular e corri para onde você estava. Quando cheguei, te vi deitada e sem vida, a ficha não tinha caído ainda, e esse foi o momento, junto da ficha, caíram as lágrimas, e o filme dos nossos momentos passou na minha mente, caí sobre meus joelhos e quase sem forças para levantar, te abracei, mesmo sabendo que você não estava mais ali, eu falei baixinho que iria te reencontrar.

_E quem diria...

_No outro dia, fui falar com os policiais, e eles conseguiram descobrir que o assassino era seu ex-namorado. Eu sabia sobre ele, você tinha me contado como foi seu namoro, não foi ruim, só que perdeu o encanto, então você terminou, mas ele não aceitou completamente, e te perseguiu até sua morte.

_Eu deveria, com certeza, ter ido de carro com meus pais.

_Voltei para casa triste, mas com um novo objetivo, eu podia me vingar e matar o assassino, mas eu não teria coragem, e além disso, os policiais iriam prendê-lo e ele iria pagar por seus crimes mesmo, então, logo esqueci essa ideia. Quando cheguei em casa, escrevi uma carta para minha mãe, agradei por tudo e me desculpei também, ela não tinha culpa por isso, mas eu não queria continuar.

_Eiiii!! Você não se...

_Me desculpa, mas foi o único jeito de te reencontrar.

EM MEMÓRIA

Leonardo Felipe Sonda Bastos

A porta se abriu e um aglomerado de sons, cheiros e luzes rodearam-no, estressado, doloroso, pensou que não deveria estar ali, mas agora era tarde. Abriu caminho por entre a multidão e sentou-se em uma cadeira livre no bar, longe das quais costumava sentar.

-Uma bebida?- perguntou o garçom.

“Duas margaritas” pensou. Era o que costumavam pedir.

-Uísque. Sem gelo.

Bebeu tudo em um gole só, amargo e áspero, não lhe desceu bem.

Reparou no homem que havia entrado há pouco e agora o encarava. Era ele, baixo, soturno, com uma barba longa e uma mochila nas costas. “Para alguém desse ofício, não é muito discreto”. Ele se sentou ao seu lado e logo tirou uma pequena embalagem lacrada da mochila.

-Eduardo, correto?- perguntou o comerciante. Estendeu-lhe a mão:

-Conseguiu o que te pedi?

-Com certeza. Creio em lhe dizer que não vem sendo fácil achar mais desses ultimamente, desde as novas leis contra afloradores de memória sensitivos eletrônicos.

-Como utilizo isso?

Abriu a embalagem e ali viu uma peça de metal em formato circular e uma espécie de adesivo azul, com pequenos chips de metal.

-Posicione a lâmina azul sobre a argola e então pressione contra o céu da boca. Vai sentir como se tivesse comido sorvete gelado, quando o cérebro congela. O efeito vai começar bem rápido, então é melhor esperar quando chegar em casa. Não beba nada com álcool enquanto estiver usando. Demora mais ou menos uma hora para o efeito passar.

-Certo. Quanto estou te devendo?

-Como sabe, foi bastante difícil de encontrar, custa 700 créditos.

“É mesmo um picareta”.pensou.

Abriu sua conta, restavam apenas 1.200 créditos, mas já estava ali. Realizou a transferência e pegou o produto.

Foi até o banheiro, entrou em uma cabine e abriu o pacote. Pegou a substância e fez como o vendedor havia dito. Sentiu frio, uma leve tontura e náuseas. Abriu a porta da cabine com um estrondo e se apoiou na pia do banheiro. Encarou seu reflexo no espelho, os olhos vermelhos, a barba por fazer, lavou o rosto com água e abriu a porta para o salão principal.

A música estava mais calma, poucas pessoas haviam chegado. Foi até o bar, e se sentou ao lado de uma mulher, de cabelos castanhos encaracolados usando um vestido longo azul.

-Uma margarita por favor- pediu a dama ao garçom.

-Duas, se me permite.

Sentou-se na cadeira ao lado e pôde ver o sorriso da moça, contornado por um batom vermelho.

-Eduardo, prazer.

-A que lhe devo o prazer, Eduardo?

-É minha primeira vez aqui, não sabia o que pedir. Diga-me, aqui fazem uma boa margarita?

-Posso dizer que é boa sim. É novo na cidade?

-Cheguei essa semana, não pude conhecer novas pessoas ainda.

-Então prazer, Olívia.-Seus olhos azuis sorriram ao encontro dos seus.

“Olívia, Olívia, Olívia...” O nome ecoou na sua cabeça e a imagem de seu rosto se desvaneceu. Fechou os olhos e quando abriu, estava em meio a multidão, perdido, atordoado, avistou a moça de vestido vermelho, caminhou até ela, mas sua cabeça girava, girava, ouviu uma pancada.

A porta do carro fechou com um *ban*. A chuva caía em seu rosto enquanto corria, segurando seu casaco sobre os longos cabelos castanhos para protegê-la, enquanto entravam no restaurante. Sentia o nervosismo do primeiro encontro à flor da pele, suave frio. Sentaram-se em uma mesa ao lado da janela, admirando o pôr-do-sol. A conversa pareceu durar horas. Admirava-a como a um anjo. Suas feições delicadas, sua risada, adorava o jeito como ela sorria, até que o sorriso cessou.

-Sua culpa.-disse ela, como se não houvesse sentimento - sua culpa.

-Não, não foi, não! NÃO.

-Está tudo bem senhor?- perguntou uma atendente. Ela segurava-o pelos braços, assustada.

-S-sim, está. Obrigado.- Estava tremendo. O som da música havia se tornado distante, não conseguia mais distinguir as pessoas umas das outras, todas tinham o olhar de Olívia, e o encaravam. Avistou um sofá, tropeçou até ele e quando caiu, estava em meio a lençóis.

Rolou sobre os tecidos brancos e estava em volta dos braços de sua amada. Tocava em sua pele macia, suave como uma pétala de rosa, as madeixas castanhas entrelaçadas em suas mãos e seus lábios ardentes.

-Eu te amo- ele sussurrou em seu ouvido.

-Eu também te amo- respondeu ela, com voz rouca e afável.

Sentia seus corpos se tocando, um sobre o outro, unindo-se como um só. Quando chegava próximo ao êxtase, agarrou-a pelo pescoço, suavemente, encarou-a nos olhos, seus olhos cor de safira, profundos e serenos. Amava-a tanto.

Sua mão começou a se fechar, não queria deixá-la ir, segurou-a com força, sentia seu calor, ouvia sua respiração, até que a segurou mais forte, observou em seu rosto a mudança de expressão, seus olhos se fechando. Parou, em silêncio, e a observou. A pele macia, antes ardente, agora estava fria. Seus olhos se abriram, os que antes, um azul profundo, passaram para um branco, sem alma. Sua pele estava pálida, seus cabelos encaracolados estavam bagunçados e sujos de terra, seus lábios, sem cor, sem vida.

-Não, não, NÃO! Não foi assim! NÃO FOI ASSIM QUE ACONTECEU! Ainda não...

Sua visão foi tomada por branco, sentiu que estava se movendo. Um rosto, dois, a luz se dissolveu na bola branca de uma lanterna, os rostos falavam com ele:

-Consegue nos ouvir?- as vozes eram vagas- Senhor, consegue nos ouvir?

-Batimentos acelerados, pressão caindo.

Enxergava o céu estrelado no alto e os paramédicos ao redor. A visão do céu foi interrompida pelo teto branco da ambulância, sua respiração ofegante aliviou com a máscara de oxigênio.

Respirou.

-Calma, respira. - virou o carro em uma curva.

-Não vou ficar calmo, Olívia! Como pode dizer uma coisa dessas?

-Eduardo, eu não consigo mais, não posso. - doía sentir em sua voz um certo tom de decepção.

-Qual é o problema? Sou eu?

-É... não, não é isso.

-Entendo. - não entendia, estava furioso. - não me ama mais, é isso.

-Eu apenas acho que preciso de um tempo sozinha, muita coisa vem acontecendo, não sinto que ainda podemos continuar juntos...

-PODEMOS, OLÍVIA - estava saindo do controle, acelerava mais o carro.

-Eduardo, você está me assustando.

O sinal à frente estava vermelho, freou o carro, e aguardou.

-Não posso conversar contigo assim...- Ela soltou o cinto e colocou a mão na maçaneta da porta.

-Não faça isso - “como poderia deixá-lo?”

O alarme do cinto de segurança começou a apitar.

-Adeus...

Não poderia deixá-la ir. Acelerou impensavelmente, atravessando o semáforo na cor vermelha. Avistou pela janela do passageiro, atrás da cabeça de Olívia, um carro branco atravessando sua visão.

PI PI PI

-Vamos perdê-lo.

PI PI PI

-Batimentos caindo...

Enxergava apenas a luz branca. Havia perdido Olívia.

-O desfibrilador!

Sentiu a dor em seu peito, mas não se comparava com a dor que já havia sentido.

PI PI PIIIIIII

A dor cessou.

Memórias Paternas

Renan Caus Smentkoski

Jorge tinha 12 anos e não conseguia dormir. Então ficava só olhando para o teto, às vezes chorava, outras só pensava no futuro dele e seu sono não vinha. Seu pai entrou no quarto e percebeu a angústia do menino. Resolveu contar-lhe uma história. Pai e filho eram muito unidos, em raros momentos estavam separados.

O pai começa a contar uma das histórias preferidas de seu filho: como ele conheceu sua esposa.

- No colégio eu não era tão popular e sempre ficava na minha, só ao longe eu observava a menina mais linda que já vi, ela era a mais popular, todos os meninos babavam por ela, que ignorava todos. Mas, certo dia, eu trombei com ela no corredor da escola. Os livros e cadernos foram espalhados pelo chão... Ela já sabia meu nome (o que pra mim já era uma vitória), nesse instante eu já tinha travado, meu corpo não respondia mais meus comandos. O olhar dela com uma cara estranha e uma risadinha, me fez congelar ainda mais. Ela juntou suas coisas e continuou seu caminho. Esse foi nosso primeiro e vergonhoso contato.

Após isso, trocas de olhares se tornavam comuns e, mesmo sendo muito tímido, aos poucos, fui tomando coragem e chamei-a para sair. Fomos tomar um café em seu lugar favorito, lá a paixão distante, ficou muito mais intensa, eu via como ela era uma menina incrível. Depois desse encontro nunca mais nos largamos, porém, sinto agora, algo estranho, de longe, parece que ouço seu triste choro.

O pai, ao terminar a história, estranha a reação do filho, que normalmente ficaria feliz e logo após dormiria, mas ele estava triste e olhando para o teto. O pai continua a conversa e resolve contar outra história, de quando foi viajar com seus pais.

-Era final de ano, costumava tirar boas notas no colégio e, para me recompensar, meus pais resolveram viajar comigo. Só nós três fomos até Paris. E que cidade incrível, sua arquitetura, suas pessoas, sua comida, lá tudo parece ser perfeito. Ficamos perto de um barzinho, a que íamos todas as noites e nos divertíamos. Ainda me lembro a primeira vez que vi a torre, que visão magnífica, vendo no meu rosto que chegava a cortar em um frio que demorei para acostumar, mas todas essas sensações fizeram dessa viagem a melhor de nossas vidas. Porém sinto a tristeza de papai e mamãe, não sei de onde vem, no entanto posso ouvir o cair de suas lágrimas.

Ao término da história, o filho estava na mesma posição, com o mesmo jeito triste, olhando para o teto. O pai resolve usar seu trunfo, e contar o que sentiu quando pegou seu filho pela primeira vez.

-Você era tão pequeno e frágil, cabia na palma da minha mão, mas assim que te vi soube que ia ser um menino especial, estava chorando muito, assim que te peguei no colo, você se

acalmou e se tornou a criança mais comportada do mundo. Ali eu tive certeza de que você seria a maior alegria da minha vida, até ali tão fantástica.

O filho não tem reação, então, o pai triste se despede e sai do quarto. O menino continua imóvel. A mãe do filho entra, senta ao seu lado, coloca a cabeça do filho nas pernas e fala, ao mesmo tempo, que faz carinho em sua cabeça:

-Sei que está com muita saudade, faz apenas uma semana que seu pai nos deixou, mas essa dor vai passar.

Macacos na chuva?

Allison Roza de Jesus

Chegando as férias da escola, os irmãos Luan e Luana decidem pedir aos pais se eles poderiam chamar o melhor amigo deles para passar as férias no sítio da família. Os pais deles não deixaram eles passarem as férias inteiras, mas sim um final de semana.

Os irmãos felizes foram chamar o Felipe, pediram aos pais dele, no início eles não estavam querendo liberar o menino, pois ele só tinha 15 anos e achavam muito novo para sair sozinho, principalmente para passar um fim de semana no sítio, mas com muita insistência de Luan, os pais de Felipe deixaram ele ir.

Eles decidiram que iriam na sexta à tarde e voltariam no domingo. Na sexta eles foram de carona com os pais de Luan e Luana. Já no sítio eles começaram a montar as barracas, pois eles não queriam dormir dentro da casa, terminando de arrumar saíram para olhar os arredores e ver o que eles poderiam fazer no sábado.

No final da tarde eles voltam para as barracas já decididos que iam pescar quando acordassem. Estavam cansados de caminhar e vão deitar para descansar. Antes de dormirem eles decidem contar umas histórias de terror para ficar mais divertido a noite.

Luan conta a primeira história, Luana e Felipe não acharam muito assustadora. O próximo é Felipe que conta uma história longa, mas Luan deu risada e também não achou assustador, quando chega a vez de Luana ela conta uma história magnífica que deixa Luan e Felipe muito assustados.

Depois de contarem as histórias eles vão dormir. No meio da noite Felipe ouve um barulho fora da barraca e acorda Luan. Os dois iam saindo da barraca para ver se tinha algo lá fora, quando Luana acorda e pergunta o que aconteceu, Luan conta e ela decide ir junto.

Eles olham em volta da casa e encontram o cachorro que era do pai deles, decidem, então, voltar para barraca que não estava longe, mas ao chegar viram que todas as mochilas e cobertores haviam sumido

Assustados pensam que poderia ser algum ladrão, e saem procurando. Luan vê uma trilha que leva a uma floresta vizinha da casa, eles entram na trilha e acham um cobertor no chão, seguindo em frente escutam um barulho nas árvores e encontram mais roupas jogadas pelas árvores e caídas pela relva.

Seguindo o caminho eles encontram dois macaquinhos que estavam pendurados no galho com as roupas do Felipe. Luan tenta subir na árvore para pegar as roupas, mas os macaquinhos pulam para outro galho e saem pulando de galho em galho. Luana e Felipe que estavam no chão vão correndo atrás, correram muito até que encontraram mais um grupo de macaquinhos que estavam com todas as roupas deles. Felipe vai correndo até os bichinhos para assustá-los que saem correndo e deixam as roupas no galho da árvore.

Luan chega e vê que as roupas estavam todas no galho, sobe pega-as e percebe que estão todas rasgadas e sujas. Os três então, juntam todas as roupas e voltam pra barraca.

No caminho começa a chover o que torna o acampamento deles um desastre total, ficaram sem roupas, com a barraca molhada e ainda não tinham a chave da casa para se esconder da chuva. Dormiram na garagem, sem cobertas e sem travesseiros, pois estava tudo molhado.

Nem sinal de celular tinha, a sorte deles foi que depois de uma hora, os pais de Luan e Luana chegaram para buscá-los. Voltando pra casa o Luan até brinca:

— Próxima vez melhor olhar a previsão do tempo e achar um lugar melhor para dormir sem macacos.

Prisão de consequências

Lídia Helena Ferreira

Eu já estava cansado e bêbado, mas Catarina, quem diria que a princesinha da sala, estava quase entrando em coma alcoólico. Como nós nos conhecemos há muito tempo, mesmo eu sendo o único amigo homem, a mãe dela só confiava em mim para acompanhá-la em festas. E dessa vez, fui descuidado, esqueci que era minha vez de dar carona de volta para casa e bebi muito. Já estava ficando tarde, eu não tinha escolha e Catarina estava passando mal, então levei-a para o carro, coloquei-a delicadamente deitada no banco de trás.

No caminho, faltando apenas 15 minutos para chegar na casa de Catarina, percebi que ela estava tão bêbada que seu vestido já não cobria mais aquilo que deveria. Eu, obviamente, sempre a respeitei muito, e também estava desconfortável senti a necessidade de cobri-la.

Mantive apenas uma mão no volante, virei para trás e ajeitei o vestido dela, apenas nesse descuido que não durou 10 segundos tudo mudou. Quando me virei para prestar atenção na estrada novamente, ouvi imediatamente o som estridente de uma buzina de caminhão e em seguida a luz forte do farol que me cegou e, a partir desse momento, eu apaguei.

Abri os olhos, nada vi, apenas momentos apareciam em minha mente como um ioiô, indo e voltando constantemente. Perdido, porém na mesma estrada e paisagem, com uma dor extrema em uma pele lisa sem um único arranhão. Uma das imagens que me vinha à mente e me intrigava era a de Catarina. No momento, fiz o mais óbvio, fui procurá-la, e, aos poucos, as coisas se esclareciam. Ao mesmo tempo, quanto mais eu me lembrava, mais eu não entendia, afinal não havia nem destroços do suposto acidente.

Sem sucesso ao procurar Catarina, ainda no meio da estrada, decidi correr em direção ao local mais próximo: a casa de Catarina. Corri até doer os pés, mas só acabava no mesmo lugar como se andasse em círculos, me senti desolado, perdido, irritado e muitas emoções que eu mesmo não compreendia.

Sentei-me no acostamento, pensando em todas as possibilidades do que poderia ter causado a situação na qual eu me encontrava, olhei para baixo, e ao fazer o dito movimento que naquela hora me salvou, avistei uma luz um pouco longe, mas alcançável, corri até lá com o pouco de esperança que me restava. Uma porta enorme, com uma luz branca atraente me chamava. Corri para atravessá-la, mas algo que me atraía tanto me repeliu bruscamente para direção contrária, como uma barreira.

Eu sabia que não importava o quanto eu tentasse a porta não iria ser a minha saída, voltei para o acostamento e notei algo diferente: uma estrada vazia. Apenas com suas linhas que limitam os motoristas, continha uma pedra pontuda que talvez por coincidência ou necessidade também me chamava. Ela era pesada, porém não me repelia, decidi tentar a sorte jogando-a contra a porta. Tive sucesso, a pedra atravessou, supostamente quebrando a barreira que me impedia de entrar.

Ansioso, curioso e com as mãos suadas mesmo sem entender o que estava acontecendo sabia que estava na direção certa para descobrir o que havia acontecido. Corri como nunca antes, parecia que eu estava flutuando, e então finalmente atravessei a porta.

Enfim abri os olhos e com poucos movimentos afinal minha condição física me impossibilitava mover mais que meus olhos, consegui ouvir um barulho constante “bip-bip”, era um monitor multiparamétrico de sinais vitais, marcando meus batimentos lentos, porém estáveis. Tudo isso enquanto meu corpo imóvel se apoiava em uma maca no hospital, foi quando avistei um doutor entrando na sala onde eu estava dizendo:

- É um milagre!!

Mesmo não podendo demonstrar, fiquei lisonjeado com o comentário, afinal descobri que estava em coma há quase dois anos desde o acidente. E Catarina? Ainda busco saber dela...

Depois da eclipse

Vitor Turcatto

Ele passava o tempo olhando para a rua, eram todos os dias olhando para o mesmo local, ele já tinha decorado cada detalhe. Era uma rua tranquila, quase nunca passavam carros e era raro alguma pessoa que não era morador passar por essa região, por isso ele conhecia cada pessoa que andava por ali.

Numa segunda-feira, ele observou que uma garota havia passado por ali, ele ficou encantado por ela, mas sabia que ela não morava ali, então nunca mais iria vê-la. Para a surpresa dele, no dia seguinte ela passou de novo em frente a sua casa, e novamente no outro, e agora eram todos os dias vendo aquela linda garota de um cabelo tão dourado quanto o sol, seus olhos azuis eram tão profundos quanto o oceano, parecia uma deusa. Quem era essa garota?

Ele estava obcecado por essa mulher, mas ele não sabia nada sobre ela, nem seu nome nem de onde vinha, ele estava prestes a dar o primeiro passo e ir conversar com ela. Mal sabia que isso acabaria de forma trágica.

Em uma quinta-feira ele faria sua primeira ação, já sabia o horário que ela passaria pela rua, era por volta das 17h30, então ficou esperando até a garota passar, logo ele avistou aqueles longos cabelos loiros, e foi correndo para falar com ela.

Suas mãos ficaram trêmulas, ela o deixava mais nervoso que uma final de copa do mundo, mas falar com ela deixava ele a pessoa mais feliz do mundo. Gaguejando se apresentou e perguntou quem era ela que respondeu que era nova na cidade e que só estava de passagem devido um trabalho temporário e que na próxima semana já iria embora.

Aproveitando o horário, ele a convidou para assistir o pôr do sol, em uma colina que era perto do bairro onde moravam e aproveitou para mostrar melhor a cidade. Em cima dessa colina observando o pôr do sol, ela também se apaixonou por ele, que era um cara tímido, dos cabelos e olhos negros, com muitas tatuagens espalhadas pelo corpo, eles se completavam, eram como sol e lua, nesse mesmo dia, observando o sol, eles deram o primeiro beijo.

A partir desse encontro, os dois jovens apaixonados começaram a sair todos os dias, pois ela iria embora em uma semana. Mesmo tendo pouco tempo, foi uma experiência tão intensa que no último dia que ela estaria na cidade, ele a convidou para ver o pôr do sol novamente no mesmo lugar onde se conheceram, e lá ele a pediu em namoro. Fizeram, então, uma promessa de que se veriam todos os sábados, não importava a distância. Então logo eles se despediram, ambos estavam chorando muito, ele deu um forte abraço nela, eles mal sabiam que seria a última vez que eles se veriam, ela embarcou no ônibus e com os olhos cheios de lágrimas, eles trocaram olhares pela última vez.

O ônibus que ela havia embarcado estava com os freios danificados e quando estava descendo uma serra, não aguentou e caiu de um penhasco... Todos os ocupantes do veículo não resistiram.

Assim findou uma história de amor que tinha acabado de começar. Depois de receber a notícia de que o ônibus dela havia sofrido um acidente, ele se sentiu tão vazio quanto o um céu sem estrelas, todo o motivo de sua felicidade havia acabado.

Pensou em como foram felizes, em como ela lhe fez bem. Não poderia desistir de encontrá-la. Então, no primeiro sábado após o acidente, ele pensou na única saída para o seu sofrimento: encontrar com ela.

Reflexo

Yasmin Leal Martins

Admirando de longe, sentada em uma das 27 mesas do salão, Anabela olhava para aquela moça com um certo desejo, mas não um desejo carnal ou de paixão, era um desejo egoísta, de inveja. Aquela moça que observava de longe com cautela parecia tão pura... sua pele pálida, pernas finas e a cintura atraente de uma forma delicada como uma flor, que faz jus ao seu nome: Dália. Isso irritava Anabela.

Frustrada pega um copo de água e se dirige ao banheiro, fecha a quinta porta, ajoelha-se em frente ao vaso sanitário colocando o dedo dentro da garganta para induzir o vômito. Após fazer um gargarejo com a água, aflita, coloca a mão na boca na tentativa de abafar o choro, quando se acalma, limpa suas lágrimas e se levanta, aperta a descarga e abre a porta, então vê a moça na pia do banheiro.

No meio daquele grupo de pessoas, Dália, paralisada, olhava uma mulher sentada em uma mesa um pouco distante, parecia ser muito confiante, até porque, ao seus olhos, era bela e robusta com curvas marcadas que pareciam uma pintura, então lembrou da formosa Vênus. Dália daria tudo para ser como a pintura de Vênus, ou a mulher sentada na mesa, com aquelas pernas grossas, seios volumosos e o quadril largo. Por um momento sentiu sua cabeça girar, imaginando como seria possuir tais feições, agoniada com aquele sentimento, cambaleia para o lado. Quando consegue se equilibrar novamente, olha para a mesa, porém não há mais ninguém. Tentando acalmar os pensamentos vai ao canto da parede e tenta se deixar levar pela imaginação, se concentrando apenas em coisas boas, no entanto isso não funciona.

Com o passo ligeiro vai ao banheiro e lava o rosto com a água gelada. Ao levantar o rosto percebe a quinta porta se abrindo lentamente e sai aquela mulher lá de dentro.

Agora as duas estavam paradas encarando no espelho o reflexo uma da outra.

Assassinato em Mente

Pedro Antônio Frare

Esse era o momento mais tenso da vida dele, não bastasse tudo que aconteceu nas últimas semanas ele estava indo para a cadeira elétrica, mas nem ele sabia direito o que havia ocorrido, apenas sabia que era seu fim.

Em uma pequena cidade na Flórida, nos Estados Unidos, a gangue dos Bloods dominava. Eles sempre foram expansionistas, almejam territórios, pois isso lhes dá poder. Inicialmente se juntavam para proteger suas comunidades da violência dos policiais, mas conforme o tempo passou, surgiram outras finalidades.

Dentro da gangue, existiam dois amigos inseparáveis, que desde pequenos, nunca se largaram. Os dois garotos, Melly e Terance, faziam praticamente tudo pelos Bloods, desde cuidarem dos territórios ou até irem para batalhas com outras gangues. Terance era um menino muito tranquilo, mas por conta da situação de sua família, não viu outra alternativa a não ser ir para o crime, era o caminho mais curto e trazia muito lucro para ele.

Melly por sua vez, já não era muito tranquilo, mas isso se dava pela sua condição especial, ele aparentava ter uma segunda personalidade, nada diagnosticado, mas era como se ele se transformasse em uma outra pessoa, uma outra versão de Melly, que se autodenominava Melvin. Essa segunda personalidade ainda era ele, mas com pensamentos malignos, coisa que muitas vezes interessava aos Bloods, já que em alguns momentos se utilizavam dele para fazer certos trabalhos. Em contrapartida, outros membros da gangue não gostavam de estar perto dele, pois tinham um certo receio de Melvin aparecer e feri-los. A única pessoa que estava com Melly sempre era Terance, havia muita confiança depois de muitos anos de amizade.

Um dia, eles estavam voltando de uma missão, ambos estavam bravos um com o outro, logo após uma discordância durante o trabalho. Eles precisavam roubar uma carga de outra gangue em uma cidade perto e Terance queria seguir o plano dado por seus chefes, mas Melly tinha uma ideia melhor, ou pelo menos acreditava nisso. O plano dele falhou e então os dois precisaram correr do local e voltar a pé para a cidade. Durante o caminho, Terance culpou Melly, que tinha optado por um plano ruim e isso gerou uma discussão entre os dois, visto que ambos estavam frustrados por não terem completado a missão.

Chegando perto da cidade ainda em discussão, Melly já estava cansado de ouvir Terance criticar sua escolha e já era notável que ele estava mais bravo que o normal. Em um momento de desatenção de Terance o pior aconteceu. Três tiros disparados, foram ouvidos até na cidade e muitas pessoas foram correndo ver o que tinha acontecido.

Tinha uma fita amarela em redor do corpo, aquilo era um homicídio, seu rosto estava em uma camiseta, sua família toda traumatizada não acreditava que ele estava entre a vida e a morte. Melly foi quem atirou, sua dupla personalidade o pegou de surpresa, recarregou sua pistola e atirou em direção a Terance. Seu corpo tinha caído no chão, ele possuía lágrimas em seu rosto, segurou a mão de Melly, falando que tinha medo da morte.

Melly fala com uma voz de choro, “é muito tarde amigo, está na hora de dizer adeus”. Ele então morreu nos braços de Melly. Suas marcas de sangue ficaram na camisa, não tinha mais o que Melly fazer, seu amigo agora estava morto.

Ele agora acorda todas as manhãs com um assassinato em sua mente. Ele nem sabia ao certo como tudo aconteceu, mas estava em julgamento no tribunal. Além de um motorista de caminhão, ter visto o que ocorreu, o próprio Melly admitiu seu crime, e foi sentenciado à morte sem direito à defesa. Como despedida, ele mandou sua última mensagem para sua mãe, que não fazia ideia do que iria acontecer.

“Mãe por favor não chore, eu apenas peguei um tempo, estarei em casa em breve, não irá demorar muito tempo, eu te prometo, eu vou ficar bem, só tire todas essas lágrimas de seu rosto, não vou negar meus erros, eu sou culpado, apenas pare de chorar e me desculpe”.

Sendo encaminhado para seu fim, Melly e Melvin já não tinham o que fazer, entraram naquela sala escura, amarrado naquela cadeira. A corda que o prendia estava muito apertada, mas isso não mudava nada já que seria uma de suas últimas sensações. Um filme passa por sua cabeça, ele pensa em tudo que fez que o levou até ali, ele ouve um barulho muito alto, e logo percebeu, a cadeira foi ligada, e ele, desligado deste mundo.

O Ingrediente

Artur Chiarello Pozzo

Alice corre desesperadamente com suas mãos tremendo. Ela, então, posiciona seu prato na mesa do chef que pega o hambúrguer e encara Alice, julgando cada milímetro do resultado apresentado. minutos depois o que para a Alice pareceram horas, o chef exclama:

-É um belo hambúrguer de siri, Alice, porém como podemos ver aqui, encontrei um fio de cabelo.

-Mas como, você tem certeza de que é o meu fio de cabelo? Eu estou de toca! - diz Alice assustada.

-Sim, de fato você está de touca, mas se esse fio não é seu, de quem é? – indaga o chef.

Muitas suposições pairam na cabeça de Alice. Quem poderia querer prejudicá-la na competição? Logo se deu conta do que estava acontecendo, mas como iria provar sua inocência diante dos fatos apresentados? Ela olha para baixo e com uma voz trêmula diz o que prometera nunca dizer.

-Eu desconfio de alguém da cozinha– pronuncia com pesar essas palavras –Mas peço que por enquanto me dê a chance de apresentar meu prato – Alice continua com um tom sério.

-Silêncio! – O chef a interrompe com um olhar impaciente – iremos avaliar esse prato imediatamente!

O chef retira o cabelo do prato da moça e o avalia visualmente de forma meticulosa, e enfim decide experimentá-lo e, no momento que coloca o hambúrguer em sua boca, chef Mario se lembra de quando era pequeno, lembrou de quando cozinhava com sua mãe. Lembrou de quando ela fazia o seu prato favorito e que, após a morte de sua mãe, decidiu transformar no prato principal de seu restaurante. Mario não querendo demonstrar a emoção a qual o prato lhe trouxe, diz em um tom inexpressivo.

-É decente para uma cozinheira de casa, mas não é isso que os chefs fazem.

Com uma nota não tão boa Alice se retira da mesa de avaliação e retorna à cozinha. Sua aflição era perceptível, pois mesmo dando tudo de si não teria sido o suficiente, nesse ritmo como conseguiria vencer Toscano, seu rival culinário? Pertencente a uma tradicional família de chefs, os Buccellati, Toscano foi treinado desde criança e mimado por sua família, e por isso cresceu arrogante, mas ainda assim, extremamente habilidoso no ramo gastronômico.

Suspeitando que Toscano havia colocado o fio de cabelo em seu prato, Alice decide investigar seu “companheiro” de cozinha, e na tentativa de responder sua pergunta interna referente a como ele deixava a comida tão apetitosa. Alice pede para seus ajudantes observarem Toscano durante a próxima prova, muitos tinham especulações, mas ninguém tinha certeza.

Alguns minutos se passam e a próxima prova se inicia, mas dessa vez com uma participação especial, do grande mestre mundial Sauno Phrato.

Durante as instruções especiais para a prova em um momento estratégico, Abraão, um dos melhores amigos de Alice sussurra a ela.

-Podes não acreditar, mas o ingrediente especial de Toscano são lágrimas de cobra que ele guarda em um conta-gotas.

Alice espantada olha na direção da mesa de Toscano e como seu amigo havia lhe falado avista um conta-gotas com um líquido desconhecido. Logo após, Alice começa a preparar seu prato o mais rápido o possível, sempre observando a mesa de Toscano para tentar encontrar uma brecha. E assim se fez, Alice percebe seu rival distraído com o liquidificador que não estava funcionando direito, ela corre e pega o conta-gotas, pinga um pouco das lágrimas de cobra em seu molho e o põe de volta em seu lugar.

O tempo de cozinha havia acabado, todos os participantes deveriam colocar seus pratos em cima da mesa dos chefs. Alice havia ficado por último, ela entrega seu prato para Sauno e vê o chef fisingando a massa e a colocando na boca, seguido de um olhar de prazer, mas que logo se torna em fúria.

-Mas o que é isso? – Grita Sauno enfurecido. –Você, Alice, realmente imaginou que poderia me enganar?

Alice assustada responde –Não chef, eu não estou entendendo, tem algo de errado no prato?

-Pare de agir como uma desentendida, durante as instruções especiais eu especificamente pedi por um prato vegano, e mesmo assim você tentou colocar lágrimas de cobra em seu molho.

Alice rapidamente olha para Toscano, que estava cumprimentando Abraão, seu amigo. Ela não conseguia imaginar que seu próprio amigo a havia traído.

-Peço perdão chef – Alice fala com uma voz baixa enquanto coloca seu chapéu na mesa de avaliação ao lado de seu prato.

E enquanto tristemente caminhava em direção da saída Alice ouve Abraão falar:

-Não é nada pessoal Alice, mas um Buccellati nunca se viraria contra o outro.

Não Amor

Bernardo D'Agostini Zub

Não conseguia sentir nada, absolutamente nada passava por seu coração a não ser raiva de si mesmo. Há 3 dias seu amor morrera e ele se sentia pouco abatido, contáveis lágrimas cruzaram seu rosto, as noites não foram difíceis de serem dormidas, o que resultou em horas se perguntando se realmente a amou, se não tinha a enganado com falsas juras de amor. A dúvida o consumia, mas aqueles 2 anos de relacionamento tinham que ser reais, logo começaria a chorar até a desidratação e desejaria que estivesse morto, era o que esperava.

“Se realmente eu a amasse... Ela me mataria se não estivéssemos juntos novamente. Ela ficaria decepcionada se eu não fizesse nada, se continuasse aqui” Pensava enquanto bêbado de repulsa e álcool, estava apenas a um tiro em sua própria cabeça, para ter sua paz de consciência de volta, de provar que não era um monstro, levaria o nome dela para seu túmulo, e a prova de seu amor junto dele.

A verdade era que estava sozinho e estava frio, em seus dias se contentava com o som do puxar do gatilho da arma sem munição que lembrava o quão perto estava de seu paraíso. Já tinha morrido e acordado várias vezes, estava cansado de fingir sobriedade, o gatilho não mais estalava, ele gritava.

Seus vizinhos não pareciam surpresos com a chegada dos bombeiros ao local, uma munição foi colocada na pistola, talvez pela própria vergonha que já o vinha seguindo por cada cômodo do apartamento por muito tempo. O espelho viu cada momento, todos sempre pensarão que sua morte foi devido a seu estado patético e não por amor.

Amor Imperfeito

Gabrielly A. Hartmann

Em uma bela cidade chamada Amandita, às 8h34 da manhã os pássaros cantavam afinados e as flores brotavam pela primavera, a Sra. Holdman estava extremamente estressada e gritando por todos os cantos do apartamento. Os vizinhos Carlos, mais conhecido como cafetão da rua e Antônia, a mais crente de todo o prédio, recebendo xingamentos tentavam acalmar a residente do 209, mas sem entenderem onde está a mulher calma, caridosa, que todos adoravam pela leveza, carisma, beleza...

- A Dona deve ter ficado louca! Ou como o Antônio, vizinho lá de cima disse no grupo, deve estar vendo o ex-marido morto nos espelhos de casa.

- Credo Carlos! Não fala assim dela, e você sabe que o Antônio sim é louco, ele só sabe falar no grupo do prédio e não sai de dentro daquele apartamento nem pra ir ao mercado. Mas acredito que é só falta de Deus na vida dele!

- Pronto, começou com essa devoção eterna de novo né? Vamos logo descobrir o que aconteceu com a Sra. Holdman!

E lá foram eles, o cafetão e a crente, para tentar descobrir o que tinha acontecido com a vizinha tão querida.

A porta estava aberta e, ao entrarem no apartamento, depararam-se com a vizinha jogada diante de um vaso todo esvaçalhado e com a maioria das rosas jogadas no chão. Não sabiam se ela, por ter enlouquecido, tinha amassado tudo ou até se um gato da vizinhança tinha comido suas flores.

A mulher falava bravamente que o tal animal que estragou as flores dela estava louco, que teve um surto e começou a derrubar tudo em sua casa. “Uma comida negada, e um desastre total” disse a Sra. Holdman se referindo ao brutal assassinato de suas rosas. Os vizinhos continuaram perguntando de quem era o animal, a mulher falava que não tinha dono, que era louco e precisava de um outro lugar pra viver. Falou simplesmente “apartamento 405”, e lá foram Carlos e Antônia atrás do autor desse tremendo crime.

Ao tocar a campainha do apartamento 405, um homem grande de quase dois metros de altura, musculoso e que ninguém nunca tinha visto antes abriu a porta e perguntou o que os visitantes queriam. Assustados falaram que não entendiam o porquê da Sra. Holdman do 209 tinha mandado eles ali para descobrir quem era o animal que destruiu as rosas.

O homem então olhou com sangue nos olhos, lentamente falou com uma voz grossa e horripilante que já voltava. Quando ele fechou a porta os dois tremeram e não sabiam se o homem iria vir com um gatinho branco fofo ou com um taco de beisebol na mão.

A porta se abriu lentamente e o que era grande agora tinha um metro e meio, e era o Antônio, o vizinho louco. Ele contou-lhes que os dois têm um caso há mais de três meses e que na noite passada a Sra. Holdman terminou o namoro falando que não queria mais nada e que compromisso após a morte de um marido tão amado não era certo.

Depois disso, ficou muito triste e, pensando em vingança, invadiu a casa dela de madrugada e destruiu as rosas que o marido deu a ela dois dias antes de morrer.

Então Confessou:

- Eu sei que fui meio louco e agi por impulso, mas eu amo aquela mulher.

A decisão

Kelvin Karpen Ramos

Tudo começa em um dia ensolarado, era dia de decisão no campeonato dos bairros. Os meninos da rua 30 entravam em campo contra a divisa 75. O jogo era um clássico!

Arnaldo estava a menos de dois gols para se tornar o maior artilheiro de todos os tempos, Então chegou a hora da disputa: era ataque contra defesa... O time da rua 30 de Arnaldo estava muito debilitado, os jogadores pareciam não estar tão preparados fisicamente para jogar os 90 minutos. Mas eram guerreiros e faziam boas jogadas, até que em uma bola que sobrou do goleiro Arnaldo chutou e a torcida do estádio inteiro se levantou e gritou:

-Gooooooooool

Arnaldo se tornava o maior marcador de todos os campeonatos e da história. De repente se ouve um grito era o quarto árbitro dizendo:

- Gol anulado, Arnaldo estava impedido, não valeu!

A torcida vaia o árbitro, mas Arnaldo não desiste e continua tentando e, último minuto, bola na área, a torcida explode e grita:

- Gooooooooool

Agora era oficial Arnaldo o maior goleador da história da competição levantava a taça de campeão dos bairros, o título foi eleito como um feito histórico para a rua 30 e ele se tornou o ídolo de muitos, mas certamente o vilão de outros.

E não havia ninguém

Katia Cristina Schuhmann Zilio

A estrada estava deserta, ninguém passava por ali àquela hora. Estava frio, a neblina gélida convidava para a reclusão dos sorrisos noturnos. A estrada era cheia de imperfeições e um dos pneus jazia preso na cratera enorme do lado direito da pista.

Suzana não sabia o que fazer... Estava sozinha e precisava chegar a Santo Honorato até às 7 horas. Não poderia se atrasar, perderia a oportunidade da sua vida, pela qual lutara tanto. O pneu não se mexia, o carro não apresentava sinais de que poderia ser removido a tempo. Não havia sinal de celular... Era o caos! Pensara em desistir, mas essa era uma opção na qual ela nunca pensava. A vida a fizera dura, insensível à dor e muito prática. O que faria então? Sentou no banco do caroneiro e tentou formular uma solução... Inútil, não havia o que fazer...

Pensava em como chegara até ali, no quanto teve que estudar, filha de doméstica, pai desconhecido, negra e feia para os padrões da sociedade... E ainda, era pobre, muito pobre... Estudar era o que a fazia ser feliz. Na escola, sempre conseguia as notas mais altas. A mãe se orgulhava do seu empenho, pois analfabeta que era, sempre incentivava a filha.

Ganhou bolsa de estudos para a faculdade, direito era seu sonho... E realizou! Sua mãe não pôde comemorar, pois na metade do curso de Suzana, sofreu com um câncer e morreu sem tratamento.

Formou-se, estudou mais, fez de tudo para crescer na vida... E estava conseguindo...

A viagem era rápida, precisava do emprego, fizera de tudo para consegui-lo. Tinha que estar às 7h para a entrevista, o edital era claro, não haveria transferência de horário nem adiamento.

E agora? Não havia ninguém...

Saiu do carro e gritou... Os gritos ajudavam a soltar a criatividade... Nenhum pensamento viera à mente... Mas sabia que não desistiria... Foi aí que ouviu um barulho... Parecia um carro... Viu os faróis acesos... Estava salva, pensara...

O carro parou, os faróis continuavam acesos, não era possível ver muita coisa de onde Suzana estava, muita neblina, as luzes dos faróis, a penumbra da madrugada tudo ajudava, ou melhor,

não ajudava. Ela gritou, a porta do carro abriu, veio na direção dela que tentou explicar o que havia acontecido. Ele apressou o passo, aproximou-se, chegou bem perto e, num golpe só, cortou-lhe a garganta...

Não gostava de gritos!

